

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM RELAÇÕES
PÚBLICAS

**AS RELAÇÕES SOCIAIS EM BOA ESPERANÇA, CRUZEIRO DO
SUL, AO LONGO DO TEMPO E AS CONTRIBUIÇÕES DO
PROFISSIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS**

Carine Güntel Ely

Lajeado, junho de 2016

Carine Güntel Ely

**AS RELAÇÕES SOCIAIS EM BOA ESPERANÇA, CRUZEIRO DO
SUL, AO LONGO DO TEMPO E AS CONTRIBUIÇÕES DO
PROFISSIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Dra. Jane Márcia Mazzarino

Lajeado, junho de 2016

RESUMO

As relações sociais são a base da evolução e desenvolvimento do indivíduo, bem como ferramenta importante de integração e interação. Através desta pesquisa buscou-se investigar as relações comunitárias em Boa Esperança, Cruzeiro do Sul, ao longo do tempo, para que, desta forma, pudéssemos analisar as transformações que ocorreram nas relações dos moradores de uma comunidade rural. A metodologia implicou a realização de pesquisa bibliográfica, de campo e estudo de caso. Trata-se também de uma pesquisa qualitativa, com entrevista aplicada aos moradores da comunidade de Boa Esperança. Através destas entrevistas estruturadas, com perguntas abertas, buscou-se investigar as relações dos moradores com a sua comunidade, a relação entre os grupos que compõem a comunidade, as relações com outras comunidades (Rurais e Urbana), além de propor ações de Relações Públicas Comunitárias. Os resultados apontam que fatores como a proximidade, realidade comum, sentimento de pertencimento, vínculo, flexibilidade de horário no trabalho, envolvimento e ajuda afetam a construção de relações próximas e estreitas.

Palavras-Chave: Comunidade. Relações Públicas Comunitárias. Interações Sociais.

ABSTRACT

The Public Relations are the basis of individual's evolution and development as well as an important tool for integration and interaction. Through this research we sought to investigate the collective relations in Boa Esperança, Cruzeiro do Sul over time so that we can analyze the transformations, which occurred in the residents' relations of a rural community. The methodology implied the accomplishment of a bibliographic research of the field and the case. This study is also a qualitative research with interviews applied to Boa Esperança residents. Through this structured interviews (Rural and Urban) with open questions we sought to investigate the residents' relations with their community, their relation between the groups that compose this community and the relation with other communities besides proposing actions of Collective Public Relations. The results point that factors as proximity, common reality, belonging feeling, link, work schedule flexibility, engagement and help affect the construction of close and narrow relations.

Keywords: Community. Collective Public Relations. Social Interactions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Mapa das relações entre os entrevistados.....	32
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Objetivos	8
1.1.1 Objetivo geral.....	8
1.1.2 Objetivos específicos.....	8
1.2 Justificativa.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Comunicação: aspectos fundamentais	11
2.2 Comunidade e suas relações	14
2.3 Relações Públicas Comunitárias: forma de o profissional enquadrar-se nesse contexto	20
3 MÉTODO.....	27
3.1 Entrevistas	30
4 ANÁLISES	35
4.1 Relações dos moradores com a sua comunidade	35
4.2 Relações entre os grupos que compõem a comunidade	44
4.3 Relações da comunidade com outras comunidades (rurais e urbana)	47
4.4 Propostas de ações de Relações Públicas Comunitárias	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES	63
APÊNDICE A – Guia de entrevista semi-estruturada aplicada aos moradores da comunidade de Boa Esperança	64
APÊNDICE B – Entrevistas na íntegra	67

1 INTRODUÇÃO

Indiferentemente da sua idade, peço que faça uma reflexão: imagine agora seus avós. Pensem na localidade em que eles moram. Fica localizada na área rural ou urbana? Eles se comunicam em português ou outra língua? Quais as principais mudanças que você percebe que ocorreram se comparar a sua vida em relação a deles? Será que a forma de se relacionarem é diferente das suas relações sociais? Será que o jeito que se comunicavam no passado é diferente da forma como se comunicam hoje?

Foram esses questionamentos que me levaram a escolha do tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso, além do carinho que tenho por meu avô e por minha avó, moradores de uma localidade na zona rural do município de Cruzeiro do Sul, na qual eu nasci e morei por um determinado período, até me mudar para a cidade.

Muitas mudanças já aconteceram no cenário rural ao longo dos anos, destacando-se mudanças culturais, sociais, ambientais e comportamentais, sendo que muitas delas, nós, filhos e netos, não fomos capazes de acompanhar, pois antecedem o nosso nascimento, mas permanecem nos relatos e histórias de muitas famílias. Porém, outras coisas acontecem que são possíveis de acompanhar, como a comunicação e as relações, que fazem parte destas transformações das quais falaremos neste trabalho.

Podemos dizer que sempre que alguém for capaz de efetuar um movimento, como, por exemplo, da sua cabeça para cima e para baixo como sinal de “sim” ou de positivo, e o outro indivíduo compreender, houve, então, comunicação.

Os seres humanos têm necessidade de se comunicar, seja de forma verbal ou através de gestos. Por meio da comunicação, as pessoas se relacionam, vivem em sociedade, criam vínculos e praticam a sociabilidade. Sem exageros, mas é através da comunicação que nos mantemos vivos e podemos constantemente evoluir. Um indivíduo que não se comunica e não se relaciona, fica a mercê do isolamento, o que afeta o seu desenvolvimento.

As relações sociais são fator de extrema importância para que o indivíduo tenha uma estrutura onde se apoiar. A primeira base de relação social que temos é com a nossa família, sendo a partir dela que vamos construindo as nossas relações com outras pessoas, conforme interesses, intimidade, carinho.

A comunidade rural caracteriza-se pela partilha de necessidades entre os moradores. Além disso, cria-se uma identidade comum, por meio dos eixos de relação entre vizinhos. Na comunidade se estabelecem vínculos por proximidade, visto que possuem crenças e valores muito parecidos, comunicam-se através da mesma língua e possuem comportamentos semelhantes. As trocas de alimentos ainda se fazem muito presente nesse contexto de comunidade rural. Aquele que planta batata, alimenta sua família com o produto, mas também troca a mercadoria com a propriedade vizinha, que planta aipim, por exemplo.

Muitas pessoas deixam a área rural para procurar maiores oportunidades profissionais na cidade. Porém, muitos moradores de comunidades rurais que lá permanecem, dificilmente cogitam a sua saída daquela localidade. A vida na área rural lhes concede maior autonomia e é, geralmente, composta por agricultores que cultivam o produto e planejam seus horários de trabalho na roça, conforme disponibilidade e procura, levando em consideração também o clima.

A comunidade de Boa Esperança tem grande proximidade com a área urbana de Cruzeiro do sul. Mesmo não sendo uma comunidade totalmente afastada da

cidade, há relatos de moradores que se locomovem até ela somente uma vez ao mês, para receberem sua aposentadoria, consultar o médico ou buscar algo do comércio.

O relacionamento entre moradores caracteriza-se pela proximidade e pelo sentimento de vizinhança. Os moradores se ajudam e se visitam e, dessa maneira, se dá a sociabilidade. Não há muitas opções de lazer e diversão. O seu prazer é levar a vida na companhia dos vizinhos e na tranquilidade da zona rural. Os homens ainda participam de jogos de bocha e de carta, como forma de interação e sociabilidade.

Neste trabalho foram aprofundadas as relações sociais dos moradores da localidade de Boa Esperança e analisando-se quais são as principais mudanças ocorridas no processo.

Como problema de pesquisa, queremos compreender como se dão as relações comunitárias em Boa Esperança, Cruzeiro do Sul, e no que se diferenciam ao longo do tempo de vida dos moradores.

1.1 Objetivos

A presente monografia tem como objetivos os a seguir relacionados.

1.1.1 Objetivo geral

Investigar as relações comunitárias em Boa Esperança, Cruzeiro do Sul, ao longo do tempo e as possibilidades de atuação do profissional de Relações Públicas em uma pequena comunidade do interior.

1.1.2 Objetivos específicos

A) Caracterizar as relações dos moradores com a sua comunidade;

- B) Analisar a relação entre os grupos que compõem a comunidade;
- C) Compreender as relações da comunidade com outras comunidades (rurais e urbana);
- D) Propor ações de Relações Públicas Comunitárias para contribuir com as interações na comunidade de Boa Esperança.

1.2 Justificativa

A escolha inicial do tema se deu pela grande influência que este local tem em minha vida, visto que cresci e passei os primeiros anos morando na comunidade rural. Ao longo da exploração do tema, percebe-se pouca disponibilidade de material sobre as relações sociais e processos de comunicação no contexto comunitário das áreas rurais, e, assim, o trabalho traz informações desses no passado, apresentando dados das relações que estes moradores construíram, sendo possível analisar as mudanças que vem acontecendo.

Dessa forma, a presente monografia contribui academicamente para alunos e professores interessados no tema e para a sociedade em geral.

No âmbito profissional, poderei apresentar as contribuições das Relações Públicas Comunitárias, exercendo suas funções profissionais em um contexto diferente do que estamos acostumados a ver, como por exemplo, nas organizações.

Comunicar-se e relacionar-se é a essência de um profissional de Relações Públicas, e compreender como se dá esse processo tem valor acadêmico e social.

Por fim, pode-se afirmar que este trabalho contribuirá historicamente, pois vai registrar informações e conhecimentos relevantes aos moradores de uma área rural.

Quanto à localidade, este estudo aborda a comunidade de Boa Esperança, uma área rural do município de Cruzeiro do Sul, com a extensão de 155,551 km². A cidade de Cruzeiro do Sul fica a uma distância de 126 km de Porto Alegre, capital do

estado e conta com uma população total de 12.320 habitantes, sendo que, destes, 60,68% são moradores da área urbana, representando um total de 7.476. Na área rural, estão concentrados 39,32% da população, correspondente a 4.844 habitantes. (Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Sul, 2015; IBGE, 2010).

A principal atividade econômica do município é a agropecuária; plantio de milho, mandioca, arroz, fumo, erva-mate e trigo; avicultura de corte, poedeiras, gado leiteiro e suinocultura. Na indústria podemos citar a produção de alimentos como chocolate, bolacha e balas, destacando-se também a indústria calçadista, metalúrgica e olarias. (PORTAL REGIÃO DOS VALES, TEXTO DIGITAL).

A grande maioria dos moradores da comunidade de Boa Esperança é de descendentes alemães, que ainda preservam o dialeto. Percebe-se que há jovens que ainda vivem na área rural e estudam na cidade, porém, a grande maioria dos moradores são adultos e idosos.

A principal fonte de informação midiática é o rádio e a televisão, sendo que o rádio tem maior presença na localidade. Através deste meio, ficam sabendo de notícias regionais.

A proximidade com a cidade tem facilitado a vida dos moradores das zonas rurais. Já não se vive mais somente do que se planta e colhe. A velocidade da mudança alcançou essas localidades que pareciam “isoladas”. A ida à cidade é facilitada pelo transporte coletivo e muitas famílias já possuem o seu próprio veículo. A casa própria é fato consumado e poucas pessoas vivem de aluguel.

Tendo justificado e delimitado a pesquisa, aborda-se no próximo capítulo o referencial teórico, conforme autores que se mostram pertinentes para a elucidação da problemática do estudo. Em seguida informa-se sobre o método e procedimentos técnicos da pesquisa para, então, passarmos às análises.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No referencial teórico, foram utilizadas bibliografia que conectassem as ideias dos autores com os assuntos abordados no trabalho. O principal objetivo foi dar embasamento teórico e credibilidade às análises.

2.1 Comunicação: aspectos fundamentais

A comunicação tem grande importância na existência do ser humano. É através dela que nos desenvolvemos, evoluímos e nos relacionamos com as pessoas. Conceituando, “Comunicação provém do latim *communicatio*, de *communis* = comum, ou seja, *ação de tornar algo comum a muitos* (CARNEIRO, 1974, p. 62). Andrade (2001, p. 105) cita Carlos Majello, para quem a comunicação é “o meio que une o nosso interesse pelos outros ao interesse dos outros por nós”

Segundo Carneiro (1974), a comunicação teve seus estágios de evolução. Da linguagem oral passou para a mímica e depois para o estágio do desenho, construindo imagens que fossem capazes de comunicar. Após, criou-se a escrita, de maneira que o caractere simbólico tivesse significado comum entre fonte e destinatário. Conforme a necessidade de comunicar-se ia crescendo, o homem foi aperfeiçoando os seus instrumentos, como a palavra, o gesto, o desenho e a escrita.

De acordo com Carneiro (1974), a necessidade do ser humano de comunicar-se corresponde a alguns fatores de sobrevivência, como a fuga da solidão, segurança grupal e estabilidade psíquica. Através da comunicação é que nos

mantemos atualizados, trocamos informações e ideias, partilhamos da nossa cultura e do nosso saber. A comunicação interfere na vida social do sujeito.

A vida social não poderia existir se os homens não pudessem comunicar-se entre si, partilhar as suas experiências e trocar ideias acerca de assuntos de interesse comum. A realidade é que, no exercício de qualquer atividade humana, nenhuma criatura poderá deixar de falar, escrever ou adotar alguma forma de comunicação para dar aos seus semelhantes a ideia do que está fazendo ou da sua predisposição para agir (ANDRADE, 2001, p. 103).

Segundo Bordenave (2002), a comunicação também tem outra função de grande importância. Nós humanos temos a necessidade de nos comunicarmos, mas, sobretudo, precisamos expressar nossos sentimentos e emoções, expectativas e medos, e isto faz parte dessa outra função, que é a comunicação expressiva. A comunicação oral e a comunicação escrita costumam ser as mais lembradas quando o assunto é comunicar-se, porém, nossos gestos, expressões e emoções também são meios e dizem muito sobre o que queremos comunicar e de que forma o fazemos.

Assim como Bordenave (2002) apresenta a comunicação expressiva como ferramenta importante de comunicação, Cooley apud Poyares (1974), também enfatiza a sua importância quando diz que as relações humanas existem e são capazes de desenvolverem-se através do mecanismo da comunicação, incluindo aqui a expressão facial, a expressão gestual, tom da voz, as palavras e a escrita.

Tamanho a importância da comunicação, que é através dela que somos capazes de interagir e vivermos em sociedade. “A comunicação constrói a pessoa”, diz Bordenave (2002, p. 31). Percebe-se desta forma a grande dependência que os seres humanos têm da comunicação como forma de estarem bem fisicamente e psicologicamente.

A sociedade existe na comunicação e por meio da comunicação, porque é através do uso de símbolos significativos que nos apropriamos das atitudes de outros, assim como eles, por sua vez, se apropriam de nossas atitudes”. Isto quer dizer que a personalidade é um produto social, gerado graças à interação com as demais pessoas (BORDENAVE, 2002, p. 31).

Ou seja, Bordenave nos mostra a influência da comunicação e da interação na formação dos homens e Cooley (apud POYARES, 1974) reforça a construção das relações e do sujeito através da comunicação. Ambos os autores mostram a grande importância deste fator na vida do ser humano. E Andrade (2001) nos mostra também, outros fatores positivos da comunicação:

A comunicação é o resultado e a causa do diálogo, a única forma natural do homem viver. Ninguém vive em monólogo, mas os seres humanos não dialogam somente por meio da linguagem escrita ou oral. Os gestos, a entonação da voz, a simples presença física, as ilustrações gráficas e qualquer outro meio suscetível de ser captado pelos órgãos dos sentidos podem servir de comunicação. Assim, a comunicação não é simplesmente informação, pois ela é muito mais ampla, abrangendo todos os contatos formais ou informais que nos transmitem qualquer espécie de experiência exterior, revigorando ou alterando o nosso comportamento. Enfim, tudo o que se vê, se ouve, se sente e se prova é comunicação (ANDRADE, 2001, p. 103).

A comunicação tem papel importante como fundamentação e constituição do sujeito em sociedade. Bordenave, Cooley e Andrade nos apontam exatamente isto, e, Sousa reforça o fundamento da comunicação. O ser humano tem sua vida social e suas relações desenvolvidas a partir da comunicação. Passa a viver em sociedade e a interagir com as pessoas de forma natural, possibilitando desta maneira a sua constante evolução.

Talvez se possa afirmar que a comunicação se explicita como fundamento na vida das pessoas exatamente no contexto da experiência de constituição do sujeito. Assim, observa-se que o papel contemporâneo da comunicação torna-se cada dia mais reconhecido, à medida que a própria sociedade se envolve na experiência de construção do sujeito. (SOUSA, 2010, p. 47).

A comunicação é a principal fonte de informação e conhecimento, podendo-se ser transmissores e receptores. O fato de nos comunicarmos com alguém, nos faz participar de um processo e termos influência sobre o que vamos comunicar “[...] Quando comunicamos, procuramos estabelecer uma “comunidade” com alguém. Vale dizer, estamos nos esforçando por oferecer participação numa informação, numa ideia ou numa atitude.” (SCHRAMM apud POYARES, 1974, p. 33).

Segundo Sousa (2010), a comunicação é politicamente importante na contemporaneidade, pois é um fator relevante para que sejamos capazes de nos relacionar com as pessoas de diferentes culturas e identidades. A comunicação

direciona as relações conforme objetivos de um grupo ou pelo interesse comum. Ainda, para MELLO;TEIXEIRA (2012) as pessoas acabam se relacionando com quem compartilham os mesmos interesses e desta maneira, criam vínculos afetivos.

O ser humano não vive isolado, ele participa de diferentes ambientes. Os grupos reúnem seus integrantes em torno de um objetivo comum e as pessoas geralmente participam desses porque se sentem acolhidas, porque percebem que naquele grupo sua presença é importante, então, pode-se afirmar que a comunicação cria vínculos e é fundamental para que os indivíduos se efetivem como ser social (MELLO; TEIXEIRA, 2012, p. 4).

Percebe-se que a vida em sociedade e as relações sociais são processos direcionados pela comunicação. Muitas vezes, o jeito de se comunicarem entre si é característico de determinado lugar. Em comunidades, por exemplo, ainda encontram-se moradores que se comunicam através da língua de origem de seus antepassados, como alemães, italianos e indígenas. Dessa forma, a comunicação é um elemento na formação da identidade de uma determinada comunidade.

A comunicação em uma comunidade pode ser comparada a comunicação de uma organização. Cada qual tem sua característica, a sua identidade e a sua cultura. Portanto, comunicam-se de maneiras diferentes, agem de maneiras distintas e criam vínculos e relacionamentos de acordo com suas necessidades de produto ou serviço, de público ou de interações sociais, como é o caso dos relacionamentos comunitários.

Assim, percebe-se que a comunicação toma a frente no que diz respeito ao desenvolvimento do homem. Ela é um fator importante para as relações serem criadas e firmadas, sendo relevante nas interações sociais e na sociabilidade do indivíduo, além do fato de existirmos e evoluirmos através da comunicação, que nos possibilita a vida em sociedade.

2.2 Comunidade e suas relações

Antes conhecida por um povo isolado da cidade, sem acesso a informações, a área rural, hoje, já se encontra num contexto de amplo desenvolvimento, porém, as características que revelam a sua identidade ainda se diferem da área urbana. A

grande maioria dos moradores da área rural ainda são agricultores, mas há também uma significativa presença de trabalhadores do comércio e da indústria ou, ainda, de moradores que resolveram se mudar para a área rural procurando maior qualidade de vida.

A vida no interior é retratada por Scheeren (2010) de maneira detalhada, quando este escreve sobre a comunidade de Arroio do Ouro, localidade que pertencente ao município de Estrela, no Vale do Taquari, sendo possível perceber, através do trecho a seguir, a diferença entre a tranquilidade na área rural e a vida urbana:

A vida social acontecia nas rodas de chimarrão, nas jogadas de vispo, festas e bailes familiares ou em salões. Baralho (*Siebenstich*, Solo, Schafkopf etc.), bolão e fumar eram práticas só para homens. As crianças corriam soltas pelas pitangueiras e outras fruteiras. Sempre se sabia aonde ir aos domingos. Naturalmente era a casa onde a abundância de determinada fruta da época era maior. [...]. Brincávamos de amarelinha, esconde-esconde, pega-pega, bolinha de gude ou feijão cacique, bilboquê, moinho, pião, ioiô, balanço, pulávamos corda de cipó e fazíamos variadas cirandas, inclusive em alemão (SCHEEREN, 2010, p. 153).

A história relatada pela autora mostra o que é viver em uma comunidade rural, e, sobretudo, descreve a forma de interação que existia na localidade. Não havia tecnologia, nem brinquedos modernos e diversificados, porém havia a criatividade de crianças que socializavam com os meios que tinham em suas mãos e faziam das coisas mais simples, as suas brincadeiras, interagindo de forma saudável e divertida. A sociabilidade destes moradores e a forma de interação social limitavam-se à simplicidade das coisas e dos fatos.

A vida social se dava através de festas comunitárias e bailes, os quais os jovens poderiam frequentar na presença de um irmão mais velho ou até mesmo junto aos pais. Eram nesses eventos, também, que se tinha a chance de conhecer um namorado e quem sabe, um futuro marido. Os bailes eram realizados aos domingos à tarde e proporcionavam a chance de se dançar com o rapaz desejado. Se o baile fosse à noite, era o rapaz que convidava a moça para dançar (SCHEEREN, 2010).

Segundo a autora, “os eventos sociais mais significativos eram as festas nas comunidades e os bailes de Kerb (dia do padroeiro), ou outros. [...] Kerb sempre era oportunidade para encontros e reencontros de familiares e amigos. Eram três dias de descontração total” (SCHEEREN, 2010, p. 154). Os bailes de salão eram muito esperados, pois seria a oportunidade de socializar com pessoas diferentes da sua localidade, se divertir e dançar.

A vida social das comunidades rurais é muito mais face a face e de contato direto do que a de moradores de uma área urbana. O próprio contexto possibilita essa prática. Agricultores costumam acordar cedo de manhã para irem à roça para não trabalharem sob o sol do meio-dia, e voltam mais à tarde para finalizar o trabalho do dia. Como a comunidade é composta por muitos aposentados, as visitas se tornam comuns e rotineiras, sendo responsáveis pela descontração do dia a dia, que são mediadas pela prática de tomar chimarrão em rodas de conversa.

É característica das comunidades rurais a simplicidade do dia a dia e a conectividade dos seus moradores por interesses e objetivos comuns, o que naturalmente gera uma tendência de agrupamento, formando assim, um vínculo, ou seja, um relacionamento mais estreito.

Nem precisamos dizer que é próprio da “comunidade” o compartilhamento de algo em comum. A questão é saber o que um grupo de pessoas tem em comum. Nós, seres humanos, temos sempre muitas características, tanto semelhantes quanto diferentes. Qualquer coisa que tivermos em comum, independentemente do que ela seja, pode servir para que nos agrupemos em torno dela. Como somos interdependentes, necessitamos de vínculos grupais para sobreviver. Temos a necessidade imperiosa de agir coletivamente e, quanto mais coisas encontramos em comum com os demais, mais justificativas temos para nos agruparmos e mantermos nossos vínculos (HENRIQUES, 2010, p. 48).

As comunidades rurais geralmente são compostas por moradores que possuem uma cultura e uma história de vida semelhante do vizinho. Levam a vida através de relacionamentos próximos, possuem uma comunicação direta e interagem com moradores da mesma localidade ou de localidades vizinhas, em eventos festivos ou no seu dia a dia, através das visitas que uns fazem aos outros. Hall dizia que comunidade “é o exercício do “estar junto social” e, hoje, com as

possibilidades da conectividade tecnológica, o “estar com”, como exercício da diferença” (HALL apud SOUSA, 2010, p. 39).

O ser humano tem sua história ligada ao convívio social. É uma necessidade relacionar-se socialmente com outras pessoas. Assim sendo, pode-se afirmar que não são somente fatores biológicos os responsáveis por nosso desenvolvimento.

O ser humano cria maneiras de se relacionar com o mundo, toda a história individual e coletiva dos homens está ligada ao seu convívio social. Sendo assim, a compreensão do desenvolvimento não pode ser justificada, apenas, por fatores biológicos. O desenvolvimento ocorre a partir de diversos elementos e ações que se estabelecem ao longo da vida do sujeito. Neste processo, sem dúvida, a interação com outras pessoas desempenha papel fundamental na formação individual (MELLO; TEIXEIRA, 2012, p. 1).

Segundo Henriques (2010), não há um conceito único para comunidade. O sociólogo alemão Ferdinand Tönnies considera a comunidade uma organização social diferente da sociedade, levando em conta as relações que os indivíduos têm em cada forma. As comunidades caracterizam-se, segundo Tönnies, pelos fortes laços de parentesco e vizinhança, pelo sentimento de lealdade entre os membros e a conservação das tradições. Já as sociedades caracterizam-se por uma relação mais institucionalizada entre seus membros, que dividem as tarefas coletivamente, sendo essa uma consequência do desenvolvimento urbano-industrial.

Na *comunidade*, os indivíduos agem sob a vontade integral ou natural (*Wesenswille*); as ações são fruto da tradição e dos costumes, sem necessidade de justificação racional; o motivo implícito da conduta social é a sobrevivência da comunidade; as relações são íntimas, duradouras e integradas. Na *associação* ou *sociedade*, prevalece a vontade racional (*Kürwille*); as ações são racionais, realizadas em termos de adequação de meios e fins; o objetivo maior das ações é o lucro; as relações são anônimas, impessoais, contratuais” (TÖNNIES apud SCHMIDT, 2013, p. 28).

Podemos observar que a publicação do sociólogo alemão de 1887 já fazia uma observação ainda hoje válida para comunidade, no que diz respeito às relações quando comparadas às relações na sociedade. Já Weber evitava o dualismo entre comunidade e sociedade e afirmava que “[...] a maioria das relações sociais tem um

caráter em parte comunitário e em parte associativo” (WEBER, apud SCHMIDT, 2013, p. 30).

Comunidade designa qualquer corpo social mais ou menos importante (matrimônio, família, parentesco, tribo, povo, Estado, associação, Igreja, seita e até uma fábrica ou uma empresa) somente quando os vínculos de seus membros, uns em relação aos outros, são de tal forma primordiais e sólidos que qualquer litígio que a vida possa ocasionar entre seus membros se eleva além desse vínculo que nunca é posto em dúvida. *Sociedade* é um corpo social em que os membros são originariamente independentes uns dos outros, mas que, com o propósito de consolidar sua existência ou de realizar certos anseios individuais [...], se ligam por vínculos de diferentes espécies (por meio dos quais permutam vantagens), mas que podem, em princípio, ser dissolvidos quando seus objetivos são alcançados” (SCHILLING, 1966, p. 53-54).

Henriques (2010) enfatiza que o conceito de comunidade não se refere somente à localidade física que os membros ocupam, mas “principalmente a uma forma de vida, de convivência, de organização coletiva e de sociabilidade”. Da mesma forma que para Peruzzo, a comunidade caracteriza-se por esta forma de vida que envolve sentimentos.

Comunidade pressupõe a existência de uma proximidade – que pode ser geográfica, mas não se limita a ela – e de elos profundos entre os membros, como o sentimento de pertença, identidade e comunhão de interesses (PERUZZO apud CÉSAR, 2007, p. 82).

Os autores, na sua grande maioria, definem a comunidade como grupos com características comuns, relacionando-os aos fortes laços de parentesco, à conservação da tradição, ao compartilhamento de uma realidade comum, bem como a interesses compartilhados. Sobretudo, é fácil perceber que as comunidades são assim caracterizadas pela forma com que se leva a vida.

As comunidades são definidas também, de forma comum pelos autores, principalmente na questão afetiva. Weber afirmava que a comunidade é sustentada “em fundamentos afetivos, emotivos ou tradicionais”, enquanto a sociedade é justificada por motivações racionais (SOUSA, 2010, p. 40). Reforçando o sentido de comunidade como forma de compartilhamento, Sousa afirma que:

A materialidade e a visibilidade com que são publicizados, nem sempre face a face, nem sempre em lugares físicos, mas que geram identificação, motivam práticas, sintonizam o diverso, são o elo que motiva o pertencer e

envolve o participar, o compartilhar. É então que se dá o enraizamento de práticas, o sentido de comunidade se alicerça no de compartilhar (SOUSA, 2010, p. 42).

Bauman (2003) referia-se a comunidade dizendo que a palavra carregava uma sensação boa, tratando-se de um local confortável e acolhedor onde se pode confiar nas pessoas e contar com a solidariedade. “O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes” (BAUMAN, 2003, p. 9).

De acordo com Schmidt (2013), o sociólogo Amitai Etzioni denominava comunidades as formações de membros de uma mesma profissão ou grupo étnico, grupos com a mesma opção sexual, intelectuais de uma mesma linha de pensamento e comunidades virtuais. E para isso, propunha, em seu conceito, dois aspectos necessários a definição de comunidade: laços de afeto e cultura moral compartilhada.

De fato, viver em comunidade estabelece uma relação entre o que é comum e a diferença. Nas grandes cidades, muitas vezes o contato se dá graças aos avanços tecnológicos. Esse é um aspecto que diferencia a comunidade urbana da rural, na qual moradores necessitam de um relacionamento direto, precisam se sentir “seguros” no local em que moram e, sobretudo, familiarizados. “Comum é o que motiva o estar junto, o que gera a confluência de olhares e práticas, desde o cotidiano” (SILVERSTONE apud Souza, 2010, p. 41).

Segundo o autor, “sonhamos com comunidade, [...], com o comum e as realidades partilhadas que estão na base dela. Sonhamos com uma vida com os outros, com a segurança de lugar, familiaridade e cuidado” (SILVERSTONE apud SOUSA, 2010, p. 41).

Portanto, uma forte característica presente nas comunidades é o sentimento de pertencimento. Geralmente, os moradores de áreas rurais já possuem uma história antiga de convívio na mesma localidade. É a história dos seus antecedentes que vieram para fixar moradia. Nasceram, foram criados e passaram a infância na tranquilidade de uma área mais isolada da cidade, ficaram adultos e continuam a

morar na mesma localidade. Isso tudo gera um “pertencer” ao lugar, um sentir-se parte do todo.

[...] O rural nesse sentido resulta de ações coletivas que fazem dele a construção de um espaço ou território de vida e trabalho. É nesse contexto que se criam laços de pertencimento a uma comunidade, resultando daí relações de proximidade, como de vizinhança, de compadrio, típico de uma comunidade, tal como concebida tradicionalmente. Essas relações, no entanto, só são reproduzidas na medida em que estes agricultores pertencem a uma mesma categoria ou mesma condição: a condição camponês. (BRANDEMBURG, 2010, p. 420).

O sentimento de pertencimento, segundo Sousa (2010), é uma busca bastante complexa e está presente em diversas áreas como antropologia, política e também, na comunicação. Perguntas como pertencer a quê, incluir-se no quê, enraizar-se onde e sentir-se parte, definem o sentimento de pertencimento.

[...] O tema do sentimento de pertencimento manifesta-se cada vez mais, não só em suas áreas disciplinares de origem, sobretudo a antropologia e a política, mas em outras, como a comunicação. Ele se traduz de forma visível, em sentidos e motivações diversos dos de suas raízes, sustentando a busca de participação em grupos, tribos e comunidades que possibilitem enraizamento e gerem identidade e referência social, ainda que em territórios tão diferentes, como os da política, da religião, do entretenimento e da cultura do corpo [...] (SOUSA, 2010, p. 34).

Segundo Sousa (2010), os moradores de uma comunidade se sentem parte do um todo e estão, muitas vezes, fortemente enraizados no local, não cogitando a sua saída de lá para uma outra localidade, mesmo que esse novo lugar possa lhe oferecer alguns benefícios. A base é o compartilhamento: de interesses, de linguagem, de religião, de etnia, de história, de educação, de valores, de identidade, de território, de crenças e de significados. Portanto, há compartilhamentos simbólicos e materiais em jogo, como afirma o autor: “sem seus significados, sem crença, sem identidade e identificação, não há nada: nada a que pertencer, de que participar, nada para compartilhar, promover, e nada para defender” (SILVERSTONE apud SOUSA, 2010, p. 39).

2.3 Relações Públicas Comunitárias: forma de o profissional enquadrar-se nesse contexto

De fato, é mais natural e comum ouvirmos sobre profissionais de Relações Públicas destacando-se em organizações públicas e privadas. Pois bem! E em comunidades? Cabe a experiência desse profissional? Qual poderia ser a sua contribuição?

O profissional de Relações Públicas tem um grande campo de atuação, além das organizações, e pode-se afirmar isso com o número de profissionais que têm se envolvido com o terceiro setor e em ações voluntárias, mostrando a importância do seu trabalho de maneira social e não somente organizacional.

O primeiro departamento de Relações Públicas no Brasil foi criado em janeiro de 1914, pela Light & Power Co. Ltda, mas é por volta dos anos 1950 que a atividade tomou maior proporção, adquirindo força com o avanço e crescimento da industrialização no Brasil. (PERUZZO, 1986).E, a partir de 1967, já se exigia a formação em nível superior na área para a prática da atividade. O Brasil foi o primeiro país a regulamentar a profissão, em dezembro de 1967. (FREITAS, 2009; ANDRADE, 2001).Em 1954 foi criada a Associação Brasileira de Relações Públicas (ABRP), abrindo caminhos para o reconhecimento da atividade.

A ABRP- Associação Brasileira de Relações Públicas - define oficialmente Relações Públicas como a atividade e o esforço deliberado, planejado e contínuo para estabelecer e manter a compreensão mútua entre uma instituição pública ou privada e os grupos de pessoas a que esteja direta ou indiretamente ligada (PERUZZO, 1986, p. 33).

Entre as funções básicas do profissional de Relações Públicas estão: assessoramento, pesquisa, planejamento, execução, divulgação, setor de informações, contatos e avaliação. (PERUZZO, 1986). De modo amplo e genérico, a atividade é predominantemente vinculada ao âmbito das organizações. Segundo KUNSCH (2009), Relações Públicas enquanto atividade profissional e disciplina acadêmica,tem como importante objetivo o estudo dos públicos de uma organização e isso só é possível através da comunicação. Ou seja, por meio dela e com ela.Para Andrade, assim como Kunsch (2009), as atividades do profissional de Relações Públicas visam alcançar os objetivos da organização.

Relações Públicas são uma arte aplicada. Inclui todas as atividades e processos operacionais que permanentemente objetivam determinar, guiar,

influir e interpretar as ações de uma organização, de maneira que a sua conduta se conforme, tanto quanto possível, ao interesse e bem-estar públicos (ANDRADE, 2001, p. 32).

Segundo França (2009), a grande preocupação das organizações é o relacionamento com seus públicos e é baseado nesse público que a organização deverá montar as estratégias que norteiam as tomadas de decisões quanto às ações que deverão ser feitas. Sendo assim, o Relações Públicas aparece novamente como capacitado para executar essas funções de relacionamento da organização para com seus públicos-alvo.

Em artigos e materiais encontrados na internet, percebe-se que o profissional de Relações Públicas vem atuando frente à ONG's (Organizações não Governamentais), comunidades carentes e projetos sociais, ou seja, o profissional tem descoberto mais um campo de atuação, o terceiro setor. Kunsch já enfatizava a função social das Relações Públicas dizendo:

Qual é a minha proposição teórica para as Relações Públicas em uma perspectiva do pensamento comunicacional brasileiro? Primeiro, vejo as Relações Públicas como parte integrante do subsistema social das organizações, tendo como papel fundamental cuidar do lado público desses agrupamentos, que, a partir de diferentes tipologias e características estruturais, englobam as organizações públicas, as privadas e as da sociedade civil ou do chamado terceiro setor. Tal incumbência conferida à área implica uma série de questões que envolvem planejamento, gestão, processos, desempenho de funções e atividades com bases científicas e suporte técnico e tecnológico [...] (KUNSCH, 2009, p. 189).

Ainda segundo Kunsch (2009), o campo profissional de um Relações Públicas é vasto e pode ser aplicado em qualquer tipo de organização, das mais tradicionais, como empresas e governos, as não governamentais.

Segundo Roque (2007), as universidades, através dos seus meios como disciplinas, cursos, graduação e especialização, vem desempenhando o papel social em favor do bem público e do bem comum, incentivando iniciativas em torno do terceiro setor e fomentando o Relações Públicas a somar nesse campo de conhecimento.

A expressão "terceiro setor" designa um grande número de entidades e articulações entre o público e o privado, que vão desde associações esportivas, fundações com denominações de instituições privadas, como

bancos e indústrias, até grupos móveis de assistência e organizações filantrópicas destinadas a atender grupos restritos e hiperlocalizados (ROQUE, 2007, p. 238).

Porém, ao profissional de Relações Públicas que visa executar suas atividades profissionais no terceiro setor, Roque (2007) lembra das dificuldades de atuar neste campo. É preciso que o profissional trabalhe com muita determinação e paciência, pois os resultados são sutis, lentos e difíceis. Além disso, o profissional que opta pelo terceiro setor, acaba sendo visto como alguém de habilidade menos importante.

Andrade inclui, entre as atividades de Relações Públicas, aquelas desenvolvidas por um grupo, tendo em vista estabelecer e manter as boas relações entre os membros do grupo e entre os grupos e os diferentes setores. (ANDRADE, 2001).

Neste trabalho, o foco são as Relações Públicas Comunitárias, pois estudos sobre profissionais nesse contexto ainda não são numerosos e de destaque, mas certamente é um meio de atuação para o profissional, o que será discutido no decorrer deste capítulo.

O início concreto de Relações Públicas Comunitárias, segundo Kunsch (2007), se dá a partir da década de 1980, com a inclusão de um painel sobre o assunto no IX Congresso da União Cristã Brasileira de Comunicação Social. Hoje, já se pode falar, tanto teoricamente como praticamente, no profissional.

Deixemos claro, de início, que Relações Públicas Comunitárias autênticas são muito mais do que um trabalho “para” a comunidade, nos moldes tradicionais, por meio de ações sociais paternalistas. Elas pressupõem uma atuação interativa, em que o profissional é, antes, um articulador e um incentivador, mais do que um simples transmissor de saberes e aplicador de técnicas aprendidas na universidade. Ele não deve ser um mero “consultor”, que não vivencia as necessidades da comunidade. As Relações Públicas Comunitárias implicam sua participação “na” comunidade, dentro dela e em função dela. Melhor ainda será se ele for um “agente orgânico” surgindo no seio da própria comunidade (KUNSCH, 2007, p. 172).

Segundo Peruzzo (1993), desde os anos 1980 vêm surgindo novas possibilidades às Relações Públicas, antes vistas como atividade a serviço do governo e classes dominantes. A atividade acompanha as mudanças que vêm ocorrendo, comprometendo-se com o segmento social ou com o interesse público. Deste modo, as Relações Públicas Comunitárias contribui para a área da comunicação comunitária.

Comunicação comunitária é uma das denominações para a comunicação popular, participativa, horizontal ou alternativa, entre outras expressões, referindo-se ao processo comunicativo levado a efeito por movimentos sociais populares e organizações sem fins lucrativos da sociedade civil. [...]. Portanto, entende-se a comunicação comunitária como aquela desenvolvida de forma democrática por grupos populares em comunidades, bairros, espaços *on-line*, entre outros, segundo seus interesses, suas necessidades e capacidades. Em outras palavras, é feita pela e para a comunidade (PERUZZO, 2009, p. 418).

Apesar de ser claro que há, sim, limitações e um amplo campo a ser desbravado, existe espaço para o profissional de Relações Públicas desenvolver projetos e executar ações que visam o interesse de moradores de uma comunidade, ou a própria comunidade em si, sendo um público que pode ter ascendência para o profissional.

Ou seja, trata-se de um profissional que pode desenvolver trabalho remunerado para as comunidades, ou até mesmo voluntário, desde que vivencie as necessidades da localidade. Na área rural, como no caso deste trabalho, pode ocorrer uma maior dificuldade quanto à remuneração, visto que a contratação do profissional não é tão comum como, por exemplo, em organizações, ou até mesmo em ONG's, onde já se tem um maior número de profissionais em atuação.

Segundo Peruzzo (1986) Relações Públicas tem algo muito próximo com as “relações humanas”, ou seja, o profissional de Relações Públicas como um especialista das relações humanas, não se limitando a executar suas atividades apenas dentro da empresa. César (2007) ressalta o amplo campo de atuação do profissional e o quanto desbravar novos caminhos é de interesse do Relações Públicas:

Assim, quando falamos de Relações Públicas Comunitárias, tratamos de uma nova postura metodológica, que não deve ficar restrita aos movimentos

sociais periféricos, mas pode se dar em qualquer espaço de atuação, dependendo unicamente de um posicionamento do profissional da área. (CÉSAR, 2007, p. 83).

Para que se possa desenvolver um bom trabalho, além da inserção do profissional na localidade, é preciso que esse profissional conheça a realidade, os valores, crenças e costumes dos moradores, para que possa aplicar suas técnicas e conhecimentos da maneira mais eficiente possível.

O desenvolvimento da comunidade cabe também ao profissional de Relações Públicas, que em um trabalho coletivo com a principal fonte da informação - que são os próprios moradores - pode trabalhar em busca dos principais interesses dessa, bem como para o seu próprio desenvolvimento profissional.

Segundo Peruzzo (2009), o profissional de Relações Públicas se vale de diferentes instrumentos e pode ajudar dentro de seus conhecimentos e habilidades em funções como: planejamento e execução das atividades que dizem respeito a relações com imprensa, órgãos públicos, empresas, organizações, preparação de entrevistas, manutenção de cadastros atualizados, postura em entrevistas, preparação de materiais impressos, campanhas institucionais e educativas, planejamento de ações e programas de comunicação. Essas funções valem para organizações públicas, privadas e não governamentais. Em comunidades sociais, algumas destas atividades são substituídas por outras, mas há espaço para ações de Relações Públicas.

Eventos da comunidade poderiam contar com a ajuda desse profissional, pois dentre suas funções está o assessoramento e o trabalho com eventos, sendo capaz de gerar uma maior interação até mesmo cidade-interior, e contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento social, o relacionamento intercomunitário e a comunicação em si, essência do profissional de Relações Públicas.

Pesquisa de opinião é outro campo de atuação do Relações Públicas que cabe ao contexto de uma comunidade rural. Tanto em favor da localidade, pesquisando e indo a campo para descobrir necessidades e expectativas, quanto

para a organização, que vê na comunidade seu público-alvo para algum produto ou serviço.

É preciso, antes de tudo, saber quais são as necessidades da comunidade, o que pode ser feito para o seu desenvolvimento e a melhoria daquele ambiente percebido enquanto uma organização não formal. Assim como em uma empresa ou em uma ONG, por exemplo, onde é mais natural a atuação do profissional, é preciso levar em conta o público e seus interesses, desenvolvendo ações de Relações Públicas adaptadas à realidade. Segundo Kunsch, na atividade de Relações Públicas Comunitárias

[...] Em sua essência, os pressupostos teóricos da área são válidos para a aplicação também no âmbito da comunidade. O mesmo pode-se dizer das técnicas e dos instrumentos disponíveis, mudando apenas os recursos e a maneira de empregá-los. Trata-se de atuar em função de uma proposta educativo-libertadora, como fica patente em todo o discurso da comunicação comunitária, que, mais do que nunca, há de ser simétrica e de mão dupla. O profissional deve capacitar-se técnica e humanamente para o trabalho “na” comunidade, cultivando conscientemente a solidariedade humana e tendo a ética como um princípio basilar (KUNSCH, 2007, p. 119).

Segundo Peruzzo (2009) é importante salientar que dentro das especificidades do Relações Públicas Comunitárias há o relacionamento, portanto, são atividades da área toda forma de relacionamento dos atores com seus públicos e com o conjunto formado pela sociedade. Público é a identificação da proximidade de competência e interesse entre os componentes que constrói o comportamento coletivo e também, o grupo que a entidade se relaciona diretamente em função das suas necessidades e interesses específicos.

Ou seja, Kunsch (2007) e Peruzzo (2009) apontam exatamente que as comunidades abrem espaço para a atuação do profissional de Relações Públicas, e novamente enfatiza a importância de se desenvolver um trabalho “na” comunidade, fazendo uso de técnicas e instrumentos que condizem com a realidade daquele local. Há claramente a percepção do quanto o profissional precisa pensar na comunidade e levar em conta a questão humana para o desenvolvimento dos seus conhecimentos teóricos e práticos.

3 MÉTODO

A pesquisa tem como objetivo a busca de respostas para os problemas propostos através dos conhecimentos disponíveis, utilizando métodos, técnicas e procedimentos científicos ao longo de um período composto por fases diversas, que vão desde a construção do problema até a apresentação dos resultados de maneira satisfatória (GIL, 2002). Para realizar este estudo, o método mais adequado mostrou-se ser o qualitativo.

De acordo com Goldenberg (2013), o método qualitativo é a chance de você poder mergulhar em um grupo que faça você pensar em questões importantes para o seu estudo. É possível perceber as particularidades e os significados dos fenômenos para o grupo que você irá pesquisar.

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador (GOLDENBERG, 2013, p. 53).

O exercício do método qualitativo teve inspiração etnográfica. Segundo Angrosino (2009), a etnografia nada mais é do que “a descrição de um povo”. E foi exatamente isso o cumprido no trabalho. Efetuou-se a descrição das interações e das relações sociais da comunidade de Boa Esperança.

A pesquisa etnográfica, segundo Angrosino (2009) é o estudo de pessoas em grupos organizados, ou seja, as comunidades ou sociedades. O modo como levam a vida é a cultura deste povo e estudar a cultura envolve examinar e compreender comportamentos, crenças e costumes que são compartilhados pelo grupo.

Já para Rocha e Eckert(2008) a pesquisa etnográfica é basicamente o exercício de ver e ouvir. É necessário que o pesquisador se desloque da sua cultura para que possa observar o fenômeno a ser estudado através da participação nas formas de sociabilidade, onde, desta forma, a realidade investigada se apresenta.

Segundo Angrosino (2009), os antropólogos começaram a usar a etnografia para estudar grupos humanos a partir da desconfiança dos filósofos sociais na compreensão do modo de vida das pessoas reais. Para eles, somente em campo o estudioso encontraria a verdade da experiência humana vivida.

Conforme Rocha e Eckert (2008), a interação é a principal condição para que a pesquisa aconteça, sendo primordial a atitude do cientista de aproximar-se do grupo ou da instituição a ser pesquisada.No modelo do interacionismo simbólico da etnografia, segundo Angrosino (2009), as pessoas são agentes ativos.

A sociedade não é um conjunto de instituições entrelaçadas, como os funcionalistas pensavam, mas um caleidoscópio em constante mutação de indivíduos interagindo uns com os outros. [...] O interacionismo é, portanto, uma abordagem mais dinâmica do que estática no estudo da vida social (ANGROSINO, 2009, p. 20).

Na abordagem etnográfica da tradição interacionista, segundo Angrosino (2009), o foco é estudar e compreender os significados que os atores sociais atribuem as suas funções, ao que pensam e ao que fazem. Para isso, é preciso uma imersão no mundo dos pesquisados, tornando-se um deles. No caso desta pesquisa, optou-se por estudar uma comunidade em que a autora convive desde o seu nascimento.

Quanto aos fins, a pesquisa é exploratória e descritiva. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, oferecer um planejamento mais flexível e permitir o maior

aprimoramento de ideias e descoberta de intuições. Segundo o autor, “na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (GIL, 2002, p. 41).

A pesquisa descritiva é necessária para se descrever a realidade de moradores de uma comunidade, através de entrevistas a serem efetuadas. Segundo Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Quanto aos meios, esta pesquisa é um estudo de caso de base bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em livros e artigos científicos. (GIL, 2002). Sendo assim, possibilita a ampla cobertura dos fenômenos e dos dados a serem pesquisados, tendo-se facilidade em localizar fatos do passado através de bibliografia, pois, sem ela, dificilmente encontraríamos informações registradas. Segundo o autor, o estudo de caso se dá a partir do problema.

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística (GOLDENBERG, 2013, p. 33-34).

Cada entrevista no estudo de caso é única e, como afirma Goldenberg (2013), tudo depende do tema, do pesquisador e dos pesquisados.

Já a pesquisa de campo é parte importante desta pesquisa, pois exige a participação de moradores daquela comunidade. Para tanto, foi necessário ir até o local e observá-los, bem como entrevistá-los. Através da pesquisa de campo, foi possível se ter uma visão do contexto em que essas pessoas estão inseridas.

De acordo com Vergara (2010, p. 43), “pesquisa de campo é a investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno, ou que dispõe de

elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não” (VERGARA, 2010, p. 43).

No que diz respeito ao tipo de amostra, este trabalho se caracteriza por amostra não probabilística, por tipicidade e acessibilidade, já que existia a necessidade de selecionar pessoas-alvo que tenham relação com a proposta de estudo apresentada, e precisava-se ter acesso a essas informações.

Nas amostras não probabilísticas, a escolha dos elementos não depende da probabilidade, mas sim de causas relacionadas com as características da pesquisa ou de quem faz a amostra. Aqui o procedimento não é mecânico nem com base em fórmulas de probabilidade, e, sim, depende do processo de tomada de decisões de uma pessoa ou de um grupo de pessoas e, sem dúvida, as amostras selecionadas obedecem a outros critérios de pesquisa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO; 2006, p. 254).

A junção da pesquisa qualitativa com a amostra não probabilística é muito relevante e segundo a autora:

Para o enfoque qualitativo, como não interessa tanto a possibilidade de generalizar os resultados, as amostras não probabilísticas são de grande valor, pois conseguem, ao proceder cuidadosamente e com uma profunda imersão inicial no campo, obter os casos (pessoas, contextos, situações) que interessam ao pesquisador e que oferecem uma grande riqueza para a coleta e a análise dos dados (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 271-272).

Neste estudo, foram entrevistados moradores da localidade de Boa Esperança, (jovens, adultos e idosos), que se disponibilizaram a interagir com a pesquisadora. Três gerações foram escolhidas, já que buscou-se averiguar mudanças nos suas relações ao longo do tempo.

3.1 Entrevistas

As entrevistas são parte importante no processo de pesquisa. Segundo Goldenberg (2013), o pesquisador deve atentar para pessoas que possuem conhecimento sobre o assunto estudado, mas também deve-se ouvir quem nunca é ouvido, invertendo a hierarquia de credibilidade.

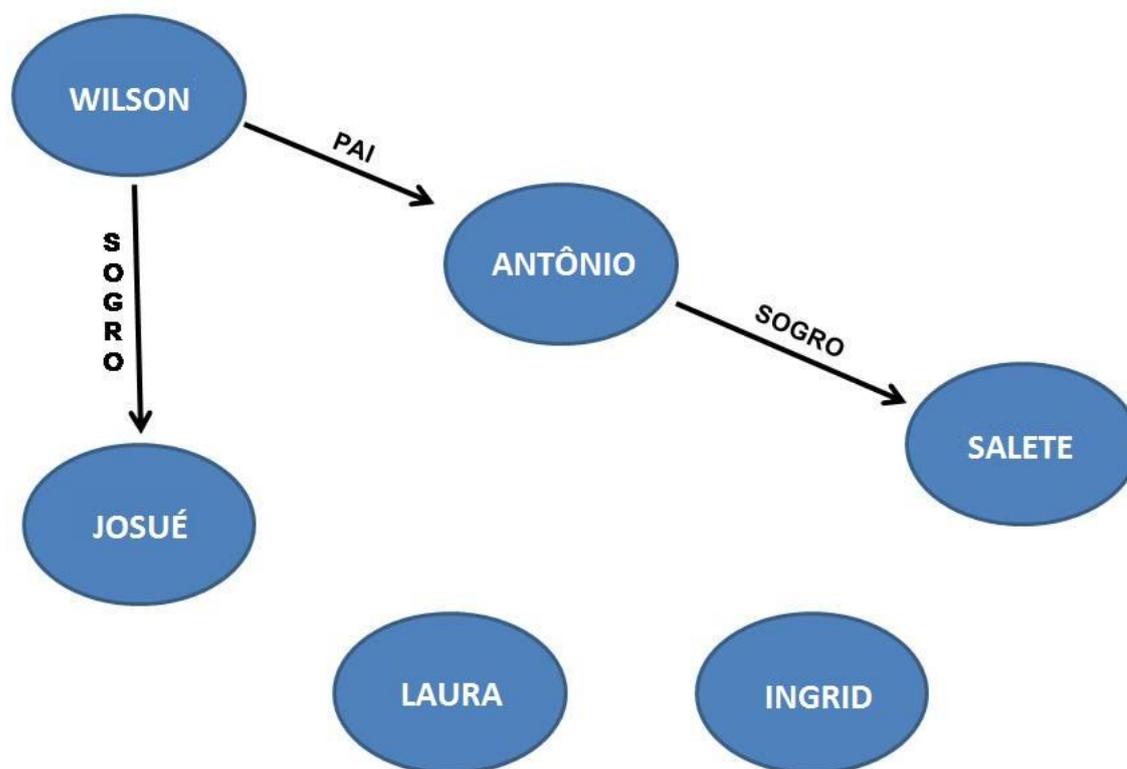
Sendo assim, para se conquistar o objetivo final, a autora aplicou entrevistas com moradores da comunidade de Boa Esperança. Como a comunidade está delimitada a essa localidade, nada melhor do que ir conversar com aqueles que serão os responsáveis pelas informações desejadas.

Quanto à estrutura das entrevistas, coube neste estudo a entrevista com perguntas abertas, pois, de acordo com Goldenberg (2013), possibilita respostas livres, podendo o pesquisado falar livremente sobre o assunto proposto. As principais vantagens da entrevista são: a coleta de informações de pesquisados que não sabem escrever; maior flexibilidade para obter a resposta desejada; observação do que diz o pesquisado e como diz: emoções e profundidade; assim como a possibilidade de uma relação de confiança e amizade entre pesquisado e pesquisador.

A entrevista estruturada com perguntas abertas foi pensada para que o entrevistado pudesse falar livremente sobre os temas em estudo e, dessa forma, pudesse ocorrer maior qualidade nas respostas obtidas. Todos os moradores foram entrevistados em sua própria residência, em horários diversos. Quanto ao número de entrevistas necessárias, vale ressaltar que “um ponto-chave que se deve ter em mente é que, permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade ou levam a uma compreensão mais detalhada” (GASKELL, 2002, p. 70-71).

A entrevista foi aplicada da seguinte forma: foram selecionados um homem e uma mulher jovens, com idade entre 20 e 40 anos; um homem e uma mulher de meia idade, na faixa dos 40 aos 60 anos; e um homem e uma mulher com idade superior a 60 anos.

Ilustração 1 – Mapa das relações entre os entrevistados



Fonte: Da autora (2016)

A coleta de dados aconteceu nos dias 13, 16 e 25 de abril de 2016, sendo realizadas duas entrevistas respectivamente em cada dia. Seguiu-se um roteiro de perguntas, que foram gravadas por um aplicativo no celular e, após, transcritas na íntegra em documento de Word (APÊNDICES 1 E 2). As entrevistas foram executadas de maneira individual com cada morador selecionado.

A escolha dos entrevistados se dá a partir da idade proposta no estudo. Desta forma, escolhi moradores da comunidade de Boa Esperança que pudessem contemplar esta exigência. Foram adotados nomes fictícios para que os mesmos pudessem manter em sigilo o seu nome real. Alguns entrevistados pude selecionar por saber que estariam dentro da idade exigida e sendo assim, havia uma relação entre entrevistado e pesquisador, outros, conheci no dia da entrevista, não possuindo nenhuma relação anterior.

Os moradores me receberam na sua residência, geralmente acontecia uma apresentação inicial e uma conversa informal, afim de descontração. Após, me ofereceram chimarrão e desta maneira transcorreu a entrevista como uma forma de bate papo. Em cada um dos dias entrevistei duas pessoas, sempre individualmente.

Uma característica marcante das entrevistas é que alguns moradores conversaram comigo por mais de duas horas, outros, cerca de 45 minutos haviam respondido as perguntas estruturadas no roteiro. É fato também, que alguns entrevistados acabaram falando sobre assuntos sem relação nenhuma com a resposta, portanto, houve a necessidade de ouvir relatos sobre sua vida particular, para depois, voltar ao tema proposto.

A transcrição do material, segundo Gil (2002), deve ser um registro mais detalhado possível do discurso, não sendo possível sintetizar a fala e nem corrigí-la. Sobretudo, um analista de discursos deve ao mesmo tempo examinar a linguagem utilizada e se atentar ao que não é dito, o silêncio.

Quanto à gravação, leva-se em conta que:

O entrevistador deve ser aberto e descontraído com respeito à gravação, que pode ser justificada como uma ajuda à memória ou um registro útil da conversação para uma análise posterior. Isso permite ao entrevistador concentrar-se no que é dito em vez de ficar fazendo anotações. [...] É útil começar com algumas perguntas bem simples, interessantes e que não assustem. [...] É importante dar ao entrevistado tempo para pensar, e por isso as pausas não devem ser preenchidas com outras perguntas (GASKELL, 2002, p. 82-83).

Quanto ao tratamento de dados, baseou-se na análise textual, que, segundo Moraes (2007, p. 86), “são modos de aprofundamento e mergulho em processos discursivos, visando a atingir aprendizagens em forma de compreensões reconstruídas dos discursos, conduzindo a uma comunicação do aprendizado [...]”. Ainda segundo o autor, as pesquisas qualitativas possuem informações em forma de textos, daí surge a análise textual, sendo, então, um processo de desconstrução e reconstrução de materiais linguísticos e discursivos, capaz de produzir novos entendimentos sobre o assunto investigado.

Moraes (2007) comenta que há várias origens dos materiais que são submetidos a análises: entrevistas, depoimentos escritos, gravações, discussões de grupos. Todos esses materiais dão forma ao documento escrito, para posterior análise.

De maneira clara e resumida, o autor afirma que:

[...] A análise textual qualitativa é um processo integrado de análise e de síntese, que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, visando descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos no interior dos quais foram produzidos (MORAES, 2007, p. 89).

Conforme Moraes (2007), a análise textual deve atingir um “estágio interpretativo e de reconstrução teórica. Nesse sentido, interpretar é estabelecer pontes entre as descrições e as teorias que servem de base para a pesquisa, ou são construídas na pesquisa”. (MORAES, 2007, p. 99).

Moraes (2007) diz que interpretar nada mais é que “teorizar sobre o objeto de pesquisa” e, conseqüentemente, avançar a compreensão do tema investigado. Quanto ao texto, o autor deve preocupar-se em organizar algo agradável e coeso, contendo introdução, desenvolvimento e conclusão, sendo capaz de ligar as ideias e dar uma sequência lógica.

4 ANÁLISES

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados, com base nas entrevistas efetuadas e nas observações praticadas, e tendo como referência os autores pesquisados.

4.1 Relações dos moradores com a sua comunidade

Para compreender a relação dos moradores com a comunidade, iniciou-se solicitando que relatassem como é o seu cotidiano. A maioria enfatizou que não muda nada de um dia para o outro quando considerados os dias da semana, pois são rotinas dedicadas à agricultura, à casa e, parte delas, às relações sociais: “Acordo, preparo o nosso mate, vamos ordenhar as vacas, cuido da casa, pátio, vamos para a roça, voltamos e faço o almoço. Descanso um pouco e a tarde vou passear ou recebo visitas.”, diz Ingrid. A rotina masculina é um pouco diferente, com o trabalho assumindo maior importância e o lazer menor, pelo que percebeu-se no relato de Wilson: “Acordo bem cedo e tomo chimarrão. Em seguida vou cuidar das minhas obrigações, pois trabalho com a agricultura familiar e produção de peixes e alevinos. Não muda nada de um dia para outro, porque durante a semana me dedico ao trabalho”.

Já os finais de semana são dedicados à vida social, com a presença dos filhos ou na comunidade, participando de cultos, almoços e jogos de futebol. “Os finais de semana mudam da rotina que tenho durante a semana, pois participo de

cultos, almoços na comunidade vizinha e faço algumas visitas”, enfatiza Wilson. Para Antônio, seus finais de semana também são dedicados à vida social: “Vou na comunidade vizinha assistir futebol e vou aos cultos. Também participo de qualquer atividade que a Igreja estiver precisando”, salienta. Josué também dedica-se ao lazer nos finais de semana: “Sou jogador de futebol amador, então, cada final de semana acabo indo em uma comunidade diferente com o meu time”. No entanto, para alguns “não muda nada um dia do outro, nem aos finais de semana”, como conta Laura. E para Salete a rotina diária, incluindo finais de semana, está sendo dedicar-se a sua filha.

Quando questionados sobre como é morar na comunidade, evidenciaram-se os adjetivos: maravilhoso, tranquilo, muito bom, calmo, boa convivência, aconchegante, bom para morar e viver, seguro. E, segundo Ivone, “não troco por nada neste mundo”.

Ao responderem sobre o que é comunidade, os entrevistados disseram que comunidade tem o sentido de ajudar uns aos outros. Para Ingrid e Wilson comunidade “é tudo”. Ela enfatiza que também é ter vizinhos bons e Wilson argumenta que “é onde tu tem teus amigos, teus afazeres, tuas responsabilidades e leva a tua vida da maneira que escolheu”. Antônio e Salete afirmam que é ter um pensamento parecido. Para Josué é viver junto, muito próximo: “comunidade para mim é o que acontece aqui em Boa Esperança. A gente vive em Comunidade, juntos, muito próximos. Bem diferente das pessoas que moram na cidade. Comunidade parece que tem só a ver com o interior”. Portanto, o principal elemento é a proximidade física e cultural.

A comunidade mantém-se devido a tradições, costumes e regras compartilhados coletivamente. Assim, questionou-se sobre as tradições existentes no passado e pode-se perceber hábitos familiares e religiosos. Ingrid relata do costume de conversar, dos mates aos domingos, que também era o dia que podia receber visitas. Outra tradição era o Kerb: “começava no domingo e ia até terça. Trabalhava a semana toda fazendo comes”. Também se fazia bolacha pintada no Natal e havia respeito à Sexta-feira Santa, quando se ia à missa, não se falava alto e não se gritava.

Laura lembra da tradição de rezar em alemão antes das refeições, fazer casquinha na Páscoa, doce pintado e cuca no Natal, Páscoa e Kerb. Ir buscar presente nas madrinhas, ir à igreja aos domingos (se não tinha missa, tinha que ir no terço), velar as pessoas em casa, usar roupa preta por um ano quando alguém falecia. “Os homens tinham um lenço branco com uma tira preta e colocavam no bolso, isso significava o luto. As roupas tinham que ser todas pretas, e tinha que usar por um ano. Pai e mãe era um ano que tinha que usar as roupas, não podia ir no baile, dançar. Se fosse a avó eram três meses de luto”. Outro costume era se confessar.

Wilson também cita os costumes de visitar amigos, ir ao culto, usar preto para representar o luto, fazer festa de Kerb e ajudar nas festas comunitárias. Antônio lembra que não podia falhar nenhum culto e era preciso usar traje social. Também costumava jogar bola depois do culto.

Nos costumes antigos que se mantem, pode-se notar surpresa de três entrevistados ao se darem conta de que não mantinham nenhum deles. Porém, Salete argumenta que não mantém nenhuma tradição, mas tem o costume “de esperar o marido para tomar chimarrão, fazer pipoca quando chove. Essas coisas...”. Josué lembra que mantém o costume de tomar mate de manhã e Antônio vai aos cultos com os trajes específicos, assim como Wilson, que também ajuda nas festas da comunidade.

Para os entrevistados, as mudanças nas tradições e costumes devem-se às mudanças do mundo. Hoje em dia é tudo mais fácil, então se pode fazer bolacha pintada, cuca, tomar mate quando se tem vontade, e não somente em datas comemorativas. Foi apontado que a falta dos pais também influenciou nas mudanças, pois já não estão mais aqui para dar sequência nos costumes e tradições, e os filhos já foram para a cidade. A própria rigurosidade e autoridade dos pais, que hoje é bem mais amena, acabou influenciando a desvinculação dos costumes e tradições: eles já não cobram mais como cobravam no passado.

Antônio aponta a tecnologia como fator importante nessas mudanças, pois os filhos preferem jogar computador ou ficar na internet do que ir aos cultos. Para

Josué, abandonar a tradição e costumes é consequência da vida que se leva: “Acho que hoje tu trabalha fora, faz tudo correndo, tem filhos cedo, menos tempo para dar valor a essas coisas”.

Percebeu-se que os costumes e tradições do passado ancoravam-se na família, na religião e na cultura. No presente, ficaram as lembranças. Hoje, devido às mudanças do mundo, à tecnologia e à autoridade imposta de maneira mais amena pelos pais, não se mantém costumes e tradições como antigamente, mas segue-se hábitos religiosos, como o das vestimentas sociais, e hábitos familiares, como o de tomar mate ou aguardar a chegada de algum familiar.

Quando questionados sobre as normas e regras que é preciso seguir para participar da comunidade, encontram-se divergências de respostas. Ingrid, Laura e Salete concordam que na comunidade, para ser bem-vindo, há normas e regras. Ingrid diz que é preciso ser “gente boa”, ajudar os outros, passear nos vizinhos, pagar anuidade, participar das festas. Laura concorda que devem ajudar, pagar mensalidade, “andar nos trilhos”, ter amizade com todos, se dar bem e não fazer maldade para as pessoas. Salete diz que é preciso se envolver, participar, ir passear, porque, de acordo com ela, se a pessoa não for “acham estranho”. Wilson, Antônio e Josué não percebem a existência de normas ou regras. Wilson enfatiza: “a comunidade é aberta para qualquer pessoa, porque todos são muito bem-vindos”, mas Antônio argumenta que precisa ser do bem, porque não gostam de quem arruma briga. Josué concorda que, além de ser gente “do bem”, precisa “participar” dos eventos e do futebol. Portanto, a principal regra, ainda que nas “entrelinhas”, é ser gente do bem, ser bom pagador, se envolver com a comunidade, seja ajudando ou simplesmente interagindo.

Assim, quando questionados sobre o “jeito de ser” da comunidade de Boa Esperança, quase todos os entrevistados citaram que é uma comunidade unida, preocupada com o outro e que oferece ajuda, sendo acolhedora, participativa, receptiva e tranquila. Também há adjetivos como aconchegante, calorosa, simpática e simples. Josué diz : “temos acesso a tecnologias, claro, mas ainda somos meio antigos”. Para ele, a comunidade é pacata. Já para Wilson, é uma comunidade

normal, igual e parecida a todas as outras, muito pacífica. Isto é o que melhor define o jeito de ser dessa comunidade: pacífica”. Antônio concorda que não há conflitos.

Quanto ao que diferencia a comunidade dentre as outras, observam-se divergências. Josué e Wilson não a diferenciam em nada, pois as comunidades são todas muito “parecidas”. Laura concorda. Já para Ingrid, a comunidade se diferencia porque todos são “muito dados” e estão sempre dispostos a ajudar. Para Antônio, é a receptividade e o acolhimento que dão as pessoas. Para Salete é a união do lugar. Os entrevistados estão de acordo que o que os une é a ajuda que um dá para o outro ou para a comunidade. Segundo Laura e Salete, é a amizade e a relação boa com os vizinhos. Já para Wilson, é o querer viver em comunidade, unidos, e “as festas” tem este papel na comunidade. Para Antônio, o que une a comunidade é a religião, a agricultura, a ação de graças, as apresentações do culto e as visitas. Josué concorda e afirma que é a amizade, as visitas e a ajuda, bem como as festas e o futebol. Portanto, são elementos culturais e de solidariedade.

Para os entrevistados, entre os interesses comuns está a prática da agricultura, sem horário definido para o trabalho na roça e o fato de gostarem de morar no interior, onde buscam segurança e tranquilidade. Para Salete, “temos interesses comuns e pensamentos muito comuns, são pessoas tranquilas, que moram aqui para ter mais qualidade de vida, paz, segurança. A grande maioria não trabalha em empresas, estão sempre por casa ou na roça”. Portanto, os interesses comuns referem-se a aspectos relacionados à amizade, trabalho, lazer, religião e à qualidade de vida.

Quanto às relações pessoais na comunidade, todos dizem viver bem, ou muito bem. Citam que se visitam, se ajudam, vão aos cultos e almoços. Ingrid diz: “às vezes nem consigo fazer o serviço de tanta visita. Uma vizinha vai e a outra vem”. As visitas são as responsáveis por manterem as relações estreitas e próximas, citando ainda que levam uma vida leve e sossegada.

Os encontros se dão de diferentes formas: visitas entre vizinhos, missa, culto, festas das comunidades, reuniões da presidência da comunidade, futebol, nos almoços do grupo do leitão. Ingrid relata: “a gente troca as coisas e aproveita para

se visitar”. Laura cita encontros decorrentes da festa de aniversário com a “junção” das amigas, nos grupos do apostolado da oração e na festa do trabalhador da comunidade vizinha. As relações são revigoradas ciclicamente por meio de atividades ligadas a encontros sociais, como rodas de conversa, prática de esportes e cultos religiosos.

Quanto aos momentos de encontros, esses são extremamente positivos, melhorando inclusive a saúde. Ingrid diz que a sensação é muito boa, pois conversam e desabafam. “Eu me sinto maravilhosamente bem em poder ir passear e receber visita. O encontro significa que somos queridos e que temos muitas amizades que fazem questão da gente nunca perder o contato”. Laura diz que adora ir às festas ou encontros: “às vezes, tu está enjoada e, se tu ganha visita ou pode ir passear, melhora tudo: a dor, o cansaço, o desânimo”. Para Wilson, seu jeito ativo se deve ao bom relacionamento que mantém. Antônio, Salete e Josué afirmam que os encontros alegram e divertem. E que, segundo uma entrevistada, melhora inclusive a saúde.

Quanto aos grupos que mais gostam de se relacionar, percebem-se respostas variadas, mas são grupos escolhidos por afinidade e proximidade. Para Ingrid e Salete, é o das vizinhas, mas Ingrid também gosta de eventos comunitários. Já para Laura, além das vizinhas, ela relata os encontros maiores, pois pode conhecer gente diferente e rever amigos antigos. Para Wilson, é o Grupo do Leitão, que reúne amigos de todas as comunidades para fazerem o almoço mensal. Antônio cita o grupo da igreja, pois se reúnem para fazer o bem. Josué gosta dos amigos do futebol, por ser seu “chão” e pela diversão.

Sobre os aprendizados que os entrevistados adquirem com as relações comunitárias, Ingrid aprende sobre chás e comidas e “acima de tudo, coisas que só a vida ensina”. Laura relata que, em um encontro com a vizinha, aprendeu a cozinhar feijão sem escorrer por cima da panela. Salete aprende a ser boa mãe, a cuidar da filha com chás, coisas para a casa e para a vida. Wilson sintetiza que “sozinhos não somos realmente ninguém, que vamos precisar sempre um do outro, que viver isolado dentro de casa, sem se relacionar e ter amizade com gente boa, adocece a gente”. Josué diz que aprende muito, inclusive a ser uma pessoa melhor e

ser feliz com o que tem: “eu vivo aprendendo. Gosto de conversar com os mais velhos também, eles tem muita coisa boa pra te contar”. Antônio diz que não é só a teoria que ensina e que ele aprende muito na prática, nas trocas de ideias: “aprendo a respeitar as opiniões que são diferentes da minha, aprendo também que nem sempre a minha opinião é a mais certa”. Portanto, enquanto as mulheres salientam aprendizados domésticos, os homens referem-se às trocas de experiência de vida.

Quanto a relação dos entrevistados com a comunidade, pode-se resumir que é movida pela busca e necessidade de manutenção de vínculos. Ingrid diz que seu vínculo é eterno porque “eu nasci aqui, me criei aqui, cuidei dos meus pais aqui, e não saio daqui por nada. Fui criada aqui, meus pais nasceram aqui e morreram aqui”. Laura adora o lugar. Wilson afirma que vive muito bem, tem muito carinho pela comunidade e muitos amigos. Salete sente-se “parte dessa comunidade”. Para Josué, o vínculo é consequência de sua filha ter nascido lá. “Pretendo criar ela morando neste lugar, depois ela pode decidir o que quer e pra onde quer ir. Mas essa comunidade dá muita segurança para se criar os filhos”.

A maioria nunca pensou em sair da comunidade. Antônio e Wilson já receberam propostas, mas em virtude de casamento e filhos, acabaram não saindo. Ingrid diz que: “nunca pensei em sair daqui porque é aqui que eu fiz minha vida e aqui que gosto de morar. Me sinto enraizada aqui. Só saio daqui para o cemitério”. E Laura salienta que não tem interesse em sair. Salete só deseja sair da casa da sogra, mas permanecerá na mesma comunidade.

A maioria dos entrevistados concorda que há coisas a serem melhoradas na comunidade. Ingrid sugere algo para a interação dos moradores em dias de semana, que é um período no qual não se tem muita coisa para fazer, sugerindo bailes para se divertirem. Já Wilson gostaria que houvesse maior participação das pessoas na comunidade. Ele sente que faltam atrações para os jovens que “não tem nada para fazer”, então algo para sua integração e distração seria positivo, sendo apoiado por Antônio, Salete e Josué. Assim, os jovens poderiam permanecer na comunidade. Antônio enfatiza ainda que “podia melhorar as políticas em relação a nossa comunidade, nunca recebemos ajuda deles (políticos) ou visita pedindo o que precisamos. Ter um líder, alguém que doe seu tempo em prol da comunidade

católica e evangélica ou da comunidade em geral”. Josué referiu-se à melhoria de acesso à internet e nas estradas.

Percebeu-se o quanto as relações comunitárias fazem bem aos moradores. Pelas respostas dos entrevistados, observa-se que elas interferem na sua qualidade de vida. Ingrid diz que as relações fazem bem para a saúde e a ajuda a não ter depressão: “as minhas relações aqui me afetam muito, porque se está tudo bem, fico bem, mas se algo não está legal, fico mal”. Wilson diz que sua qualidade de vida é boa porque suas relações são boas, fazem dele um homem alegre e de bem com a vida: “eu fico ansioso esperando o encontro da Turma do Leitão, de tanto que gosto de encontrar meus amigos, conversar, bater papo e me relacionar com pessoas”. Antônio, Salete e Josué também salientam o prazer da convivência como uma forma de dar sentido à vida.

Em síntese, ao se analisar a relação dos moradores com a sua comunidade, percebeu-se amor e apego. Trata-se de uma relação de muito carinho com a localidade. Foram apontados somente adjetivos positivos: lugar bom para se viver, seguro, aconchegante. Como diz Bauman (2003), a comunidade carrega uma sensação boa, é um local onde se pode confiar nas pessoas e contar com a solidariedade. Ela é tudo aquilo que se precisa para viver seguro e confiante. Ou seja, Bauman aponta qualidades que identificamos quando relacionadas com as respostas dos entrevistados.

Henriques (2010) enfatiza que comunidade é o compartilhamento de algo em comum e que esse fator é responsável por nos agruparmos, ou seja, conforme percebeu-se nas entrevistas, o que é comum e o que faz os moradores se agruparem na localidade de Boa Esperança é o fato da maioria ser agricultor, trabalhar na roça e, portanto, com tempo disponível ou mais flexível para a vida social do que aqueles que têm relações de trabalho formal. Além disso, compartilham de uma realidade comum. A religiosidade é outro fator de agrupamento.

Os moradores levam uma vida mais leve e sossegada, seus laços são estreitos e muito próximos. As pessoas têm seus afazeres e os cumprem, mas a

sobra de um pequeno tempo livre já é motivo para visitar um vizinho e levar alguma coisa que tenha em abundância em casa. A vida é voltada para as relações familiares, sociais e para o trabalho junto à natureza. Scheeren (2010), em um trecho de seu livro, já nos mostrava características simples da vida em comunidade e dizia que a vida social acontecia nas rodas de chimarrão, nos jogos de vispo, festas e bailes.

Nas relações dos moradores com a sua comunidade, há os grupos que mais gostam de se relacionar. Os grupos escolhidos como preferência para relacionarem-se são, primeiramente, os existentes na própria comunidade, seguido pelo grupo formado pela comunidade vizinha. Segundo Mello e Teixeira (2012) o ser humano não vive isolado e as pessoas participam dos grupos, pois é nele que se sentem acolhidas e importantes, e, dessa forma, criam vínculos. Essas relações são identificadas pelos moradores como de aprendizados e novas experiências. E esses aprendizados são de fatos simples, mas novos para quem aprende, como, por exemplo, sobre chás, comidas, como cozinhar feijão sem escorregar por cima da panela e como ser boa mãe. Nesse sentido, Andrade (2001) enfatiza a importância da comunicação para a vida social das pessoas. Segundo o autor, a vida social existe através da partilha de experiências e troca de ideias sobre assuntos de interesse. Assim, a comunicação tem grande importância para que as relações aconteçam de fato.

Os moradores valorizam as relações como fonte de reflexão sobre as coisas da vida e do dia a dia. Foi possível verificar também que as pessoas têm compreensão da importância de se relacionarem e de o quanto isso possibilita ser alguém melhor. Segundo o que nos diz Bordenave (2002), a personalidade das pessoas é construída através das interações entre as pessoas e, portanto, é um produto social.

É perceptível que os moradores preocupam-se em ter e manter as suas relações na comunidade para ajudar inclusive na sua saúde, pois evita a depressão, melhora a qualidade de vida e a autoestima, e faz, inclusive, desaparecer as “dores” quando se pode ir passear ou participar de uma festa. Ninguém é capaz de viver

bem sozinho. São essas relações as responsáveis pela alegria de vida que os moradores aparentam.

Assim, a relação dos moradores com a comunidade de Boa Esperança pode ser sintetizada em três palavras: vínculo, enraizamento e pertencimento. As histórias de suas famílias se iniciaram ali, eles deram continuidade e sentem-se parte do lugar em que vivem. Seu lugar é aquele. Peruzzo (apud César 2007) salienta que comunidade está vinculada à proximidade e elos profundos entre os membros, como o sentimento de pertença e identidade. Para Weber (apud Sousa, 2010), a comunidade está sustentada por fundamentos afetivos ou emotivos. Evidenciou-se neste estudo que a relação dos moradores com a sua comunidade de Boa Esperança é de muito afeto. Apresentam forte sentimento de pertencimento e ligação/enraizamento à localidade. É uma história antiga de convivência e relacionamento, sem chance de desligamento da comunidade. O próprio ambiente rural, que segundo Brandenburg (2010) é o responsável por criar laços de pertencimento e relações próximas, é um espaço de vida e trabalho.

4.2 Relações entre os grupos que compõem a comunidade

Quando questionados sobre os grupos sociais que haviam no passado, evidencia-se que são os ligados as suas religiões, ao grupo do bolão, do futebol, de orações, vizinhos, amigos, amigos da escola, promotores das festas da comunidade, os corais e microcomunidades, além do grupo de jovens, grupo da bocha, dos cultos infantis, de voluntários de ações sociais, da terceira idade e do jogo de carta.

Quanto ao relacionamento entre os diferentes grupos da comunidade no passado, a grande maioria concorda que “era bom”. Ingrid diz que o relacionamento era de união e participação, que os festeiros eram organizados, havia ajuda entre vizinhos e respeito dos jovens com idosos. Como conflito, evidenciaram-se as brigas no futebol. Wilson argumenta que “havia um pouco de conflito e desentendimento entre católicos e evangélicos”. Antônio concorda sobre o conflito religioso e lembra outro, decorrente do machismo dos homens perante as mulheres.

A grande maioria dos entrevistados citou como os grupos existentes hoje aqueles ligados à religião, apontados como: grupos da novena, apostolado e senhoras da OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas), e, em comum, apontam também o grupo do bolão. Outros grupos citados são: as diferentes comunidades, grupo do leitão, da bocha, do futebol de salão e de campo, coral, vizinhos, empresa e de pais (escola).

Quanto ao relacionamento nos dias de hoje entre diferentes grupos, também há opiniões diferentes. Ingrid diz que o relacionamento continua bom, mas aponta que há individualismo e falta de participação. Laura concorda com o bom relacionamento e acrescenta que é amigável, porém percebe conflito nas questões ligadas a competições. Já Wilson diz que todos se dão bem, porém não há mais o respeito de antigamente, destacando que ainda permanece o respeito entre as diferentes religiões. Para Antônio, o relacionamento entre as religiões ficou mais próximo e amigável, assim como o de homens e mulheres, porém “ainda há idosos que têm a dificuldade de aceitar pessoas que não sejam da sua religião. Entre alguns homens mais de idade há um machismo latente”. Mesmo assim, considera que “hoje os relacionamentos são mais próximos”. Salete e Josué percebem que há respeito, ajuda e descontração como base dos relacionamentos comunitários.

Quanto às formas de comunicação no passado, é notório nas respostas comuns que a comunicação era mais pessoal, face a face, e a língua alemã era utilizada como forma predominante de interlocução. Para Ingrid, a comunicação era “pelo grito. Um ia na casa do outro para avisar ou dar alguma notícia”. Laura lembra que o meio utilizado era o cavalo, que servia como forma de levar ou anunciar alguma novidade. Ela também fazia uso da carta, que escrevia para a irmã em português, mas recebia em alemão, tendo em vista que era a língua que sua mãe entendia. Wilson conta que, depois do cavalo, veio a bicicleta e, em seguida, o carro. Antônio relata que “antigamente era muito falado em alemão, até tinha a exigência dos pastores que vinham para cá, falar em alemão. A gente se comunicava só pessoalmente, não tinha telefone, celular. Quando tinha que dar uma notícia, ia na casa das pessoas a pé. Nas coisas da comunidade a gente marcava reunião e pedia que cada um comunicasse os seus”. O português foi ganhando espaço com o tempo. Outra forma de comunicação foi citada por Josué, a gestual: “a comunicação

também era entendida pelos gestos. Meu pai olhava com cara feia e eu já sabia o que ele estava querendo me dizer”. Cabe lembrar que a comunicação teve seus estágios de evolução e, segundo Bordenave (2002), os sentimentos e emoções também são formas de nos comunicarmos, tratando-se da comunicação expressiva, que é como o pai de Jardel comunicava-se com ele.

Nos modos de comunicação atual, é marcante a presença da tecnologia. É citado por todos o uso de celular. Ingrid liga para saber se o vizinho esta em casa antes de ir passear. O *e-mail* também é utilizado, assim como o Facebook e o WhatsApp. Mesmo assim, Josué destaca: “a gente se reúne muito”. Encontram-se divergências quanto à língua utilizada. Para Ingrid e Laura, predomina o alemão, porém Laura salienta que os jovens não querem mais saber da língua. Wilson fala em português em função dos clientes, mas em casa mantém o alemão. Josué também fala alemão só em casa e socialmente usa o português.

Nas respostas dos entrevistados, foi possível constatar a existência de conflito e intrigas no passado com relação ao esporte, especialmente, ao futebol, mas também devido aos jogos de carta, de bocha e de bolão. No futebol, eram times que não sabiam perder e o time de Boa Esperança que não se dava com o de Linha Sítio. Intrigas e conflitos davam-se em função de religiões (católicos X evangélicos), da cor, das diferentes opiniões e de radicalismos das pessoas. Também percebeu-se, muito forte, a presença da fofoca. Laura enfatiza: “era o que mais dava briga. Por exemplo, se alguém morria e não usava roupa preta um ano, já dava fofoca e intriga, ficava um falatório, o pessoal falando mal porque fulana não respeitou e não ficou de luto”. Antônio e Ingrid divergem nas respostas quanto à presença dos conflitos. Para Ingrid, eles eram resolvidos porque se ia atrás para resolver. Já Antônio diz que acabavam “deixando de lado” para não dar mais briga.

Enquanto no passado os conflitos principais eram de origem esportiva, religiosa e as fofocas, há unanimidade nas respostas de que os conflitos atuais da comunidade decorrem da prática da fofoca. Ingrid traz um exemplo próprio: “a ex-nora da minha vizinha fez fofoca e falava mal de mim, mas eu fui atrás para resolver porque estranhei que a minha amiga não me procurava mais. Chegamos a não se visitar por causa de fofocas. Fofoca sempre acompanha as pessoas. Onde tem

fofoca, tem intriga”. Já para Antônio, os motivos dos conflitos são a falta de participação dos jovens, bem como a falta de responsabilidade. Para Josué, o conflito decorre de “tu ouvir algo que não gostou, uma ideia diferente da tua, tu defender um amigo no futebol, ficar sabendo que alguém falou mal de ti”. É unânime também a resposta quanto à resolução: todos entendem que, na maioria das vezes, se vai atrás para resolver, conversar ou pedir desculpas. Mas Josué diz que, às vezes, acabam partindo para a briga.

Em síntese, quanto às formas de relacionamento entre os grupos que compõem a comunidade de Boa Esperança no passado, observou-se que havia um bom relacionamento, de união, participação, organização, envolvimento e de muito respeito. Porém, foram ressaltados conflitos e intrigas decorrentes de disputas esportivas e entre católicos e evangélicos.

Quanto às relações nos dias atuais, elas continuam boas e amigáveis, baseadas no respeito e na ajuda. Porém, há aqueles que identificam um maior individualismo entre os grupos e menor respeito entre eles. Quanto às questões religiosas, as pessoas mais idosas ainda possuem dificuldade em aceitar casamentos e uniões entre pessoas de religiões diferentes, bem como alguns idosos que não deixaram o machismo de lado, mas os conflitos dessa natureza diminuíram devido a mudanças culturais. Em relação ao esporte e aos dois principais times, o relacionamento continua abalado, e sempre que envolvem disputas, não é muito amigável, como é próprio do espírito competitivo neste campo.

4.3 Relações da comunidade com outras comunidades (rurais e urbana)

Quanto às relações com outras comunidades no passado, percebe-se que os entrevistados enfatizam a ajuda, mas nas entrelinhas foi possível perceber que não se tinha a amizade e relação tão próximas quanto tentaram aparentar nas respostas. Ingrid, por exemplo, diz que a relação era boa e próxima, mas logo lembra que com a Comunidade de Linha Sítio não se ajudavam tanto. Laura também comenta a intriga entre a Comunidade de Boa Esperança e Linha Sítio, pois “debochavam dos pobres”. Wilsonr, Antônio e Josué salientam intrigas em relação aos times de futebol

das duas localidades citadas (Tamoio X Sebe). Wilson também relata implicância religiosa. Portanto, conflitos religiosos, esportivos e sociais existiam internamente na comunidade, assim como em relação às comunidades vizinhas.

Nas relações atuais entre as comunidades, é possível notar que são mais próximas e participativas. Laura diz que “hoje está tudo melhor, ninguém quer ser mais que ninguém, as pessoas se dão bem melhor”. Para Wilson, é “uma relação de muita cordialidade, muito próxima. Fazemos nossos almoços intercomunitários, a turma do leitão é formada por amigos de todas as comunidades, nos encontramos, fazemos festas, ajudamos na deles e eles na nossa”. Salete também salienta a relação de amizade e companheirismo. Josué concorda, porém ressalta que percebe intrigas quanto ao futebol. Ingrid também observa intrigas, mas lembra que uma comunidade participa da festa da outra.

Quanto às relações com a comunidade urbana no passado, Ingrid, Laura, Salete e Josué apontam uma relação mais distante com a cidade, quase não existindo um relacionamento. Dependiam de ônibus para poder ir à cidade. Para Ingrid: “ir para a cidade era um grande acontecimento. A gente ficava tão nervosa esperando o ônibus”. Laura afirma: “a gente ia pra cidade pra ir na missa. Tinha ônibus pra cidade uma vez por semana e tinha que ficar o dia todo fora. Isso era bonito. Era um dia legal. Podia ir comprar roupa. Eu achava que ia voar de tanta alegria”. Salete diz que sentia uma tristeza em ir para a cidade e não poder comprar as coisas. Portanto, para as mulheres era um lugar para visitar, diferente, que dava prazer em acessar e frustração em não poder usufruir. Para Antônio e Wilson, a relação era boa e próxima, já que tinham condução própria para ir para a cidade. Wilson cita a relação de reciprocidade: “era uma relação de reciprocidade, a gente gostava da cidade porque dependia deles, mas eles dependiam do agricultor para comer”. Antônio concorda com Wilson na relação próxima, mas comenta sobre um certo “preconceito” com os colonos, por serem mais “simples” e “mal vestidos”.

Quanto às relações atuais com a comunidade urbana, foi possível verificar grandes diferenças de relacionamento, principalmente as facilidades de transporte que “diminuíram” a distância e facilitaram o deslocamento. Para Josué, “a cidade é a extensão das nossas necessidades”. Antônio e Wilson dizem que o que mudou é a

frequência com que vão à cidade. Antônio argumenta ainda que o preconceito não é mais tão intenso em relação aos colonos, mas ainda existem brincadeiras e deboches devido ao “sotaque muito carregado”. Quanto a isso, Sousa (2010) aponta a importância da comunicação para que possamos nos relacionar com pessoas de identidade e cultura diferente das nossas.

Em síntese, compreendeu-se que as relações da comunidade de Boa Esperança com outras comunidades se davam no passado por meio de um relacionamento menos próximo e menos amigável, com implicâncias entre as duas comunidades mais próximas: Boa Esperança e Linha Sítio. A maior rivalidade encontrava-se entre os dois principais times das localidades. Havia também o deboche de uma comunidade para com a outra, devido à implicância financeira, pois dizem que a comunidade queria ou se sentia mais rica que a outra.

Essas mesmas relações, porém nos dias atuais, estão mais maduras e melhores, mantendo-se a implicância esportiva em relação aos times Sebe e Tamoio. Aponta-se ainda a participação de uma comunidade nas festas da outra e vice-versa.

Nas relações com a cidade no passado, pode-se afirmar que eram relações distantes, nervosas e de muita paixão. Explicando, era tanta vontade de ir à cidade e tão difícil, pelas condições financeiras e de transporte, que quando se podia ir, se ficava nervoso, com frio na barriga. Era um grande acontecimento. Uma entrevistada chegou a afirmar que parecia que “iria voar”, tamanha alegria em ir à cidade.

Em contrapartida, havia os que possuíam mais condições financeiras e transporte próprio. Para esses, era comum e normal ir para a cidade resolverem assuntos profissionais. Percebi que os agricultores ressentiam-se por não sentirem-se tão bem tratados quanto os moradores da cidade, devido ao sotaque e às vestimentas simples. Hoje, ir à cidade é uma rotina para todos.

4.4 Propostas de ações de Relações Públicas Comunitárias

Com este estudo foi possível perceber que a comunidade de Boa Esperança oferece algumas oportunidades para a atuação de um profissional de Relações Públicas Comunitárias. Trata-se de uma comunidade rural que oferece atividades a serem executadas pelo profissional, focadas em melhorar os relacionamentos da comunidade, investindo em ações de integração e interação, comunicação, imagem, participação, envolvimento e, conseqüentemente, seu desenvolvimento.

Sabe-se que a presença do profissional de Relações Públicas é mais conhecida em organizações privadas e públicas, mas através dos estudos de Kunsch, podemos perceber que o profissional tem muito a contribuir na área comunitária. A autora enfatiza que o Relações Públicas comunitário é um incentivador e um articulador, e não somente um profissional que aplica as técnicas aprendidas na faculdade. Sobretudo, trata-se de alguém que deve participar da vida da comunidade e vivenciar as suas necessidades. (KUNSCH, 2007).

Além de estar inserido na comunidade a qual desenvolverá seu trabalho, o profissional precisa conhecer a realidade daquela comunidade, seus valores, a sua cultura e a crença dos seus moradores. Dessa forma, suas ações trarão resultados positivos para o desenvolvimento comunitário.

Peruzzo (1986) aponta como funções do Relações Públicas: assessorar, planejar, pesquisar, divulgar e avaliar. Para Andrade (2001), é função do RP estabelecer e manter as boas relações entre os membros do grupo ou membros de grupos diferentes.

Através das entrevistas, pode-se conhecer os valores, a cultura e as crença dos moradores, assim como identificou-se possíveis focos de melhoria no relacionamento da comunidade, principalmente em relação à interação e integração entre os moradores, divulgação dos acontecimentos/eventos da comunidade, envolvimento e participação dos jovens, maior organização, presença de um porta-voz/representante para a comunidade. Portanto, a seguir, são apresentadas

algumas ações de Relações Públicas Comunitárias, que acredita-se que possam contribuir com a comunidade de Boa Esperança:

- A) Primeiramente, percebeu-se a grande satisfação dos moradores em participar das festas da comunidade. Nesse segmento, é importante o profissional de Relações Públicas estar em contato próximo com os moradores e, dessa forma, estudar eventos pertinentes à comunidade. Através de reuniões, é possível organizar os moradores interessados em participar e planejar uma festa com objetivos claros para a comunidade. É preciso salientar que um evento sem planejamento é sempre muito arriscado. E planejar é uma habilidade do profissional de Relações Públicas. Kunsch já enfatizava que:

As organizações populares, as comunidades e as entidades do terceiro setor podem e devem fazer uso dos princípios gerais e das técnicas de planejamento. Se elas se pautarem por um planejamento estratégico adequado e participativo, suas ações terão asseguradas a viabilidade e a efetividade (KUNSCH, 2007, p. 295).

Ou seja, em qualquer ação que for feita na comunidade de Boa Esperança, certamente haverá engajamento se houver o devido planejamento.

Com a participação da diretoria, pode-se executar um evento em que a arrecadação com a venda de ingressos para almoço/janta/jantar-baile seja positivo e traga bons resultados financeiros. Percebe-se que a falta de organização, como citado nas entrevistas, gera um desgosto aos moradores. É preciso preocupar-se com todos os detalhes que envolvem a execução de uma festa comunitária. Após reuniões iniciais, deve-se partir para a divulgação, momento em que a participação dos moradores, que são aqueles que conhecem a grande maioria das pessoas, é extremamente importante. Segurança, alimentação, bebidas e música são elementos que sempre agradam ou desagradam em uma festa. Portanto, deve ser destinado um cuidado específico para com esses itens. Em dias de eventos, o checklist guiará as atividades. Um evento coordenado por um profissional de Relações Públicas, com a ajuda dos moradores, que são os anfitriões principais, gera uma imagem positiva da comunidade. Os moradores certamente apoiariam o

profissional no planejamento e execução, pois nas entrevistas evidenciou-se que querem maior integração e interação com outras pessoas.

B) Como diz Kunsch, é muito importante que o profissional de Relações Públicas esteja envolvido na comunidade e seja um incentivador. Dessa forma, como profissional e conforme demanda dos entrevistados, acredita-se que é possível incentivar e apoiar os moradores na busca por um espaço destinado a encontros de mulheres. Pode-se propor uma parceria com a direção da comunidade para disponibilizar o espaço do salão para esses encontros. A volta do bolão na comunidade de Boa Esperança seria uma forma de concretizar esta vontade. Eu, ainda criança, acompanhava a minha avó nos jogos de bolão. Eles aconteciam no domingo e reuniam mulheres da localidade de Boa Esperança e das localidades vizinhas. Era um momento de descontração e muita diversão, além da participação de um grande número das mulheres. Minha sugestão seria propor a volta do grupo de bolão em um dia da semana, para reunir as mulheres que, na grande maioria, são idosas ou não trabalham na indústria ou comércio. Além da proposta do bolão, podemos planejar outras atividades culturais nesse espaço, conforme a comunidade demandar. Dessa forma, estaremos contribuindo para que as relações sociais dos moradores da comunidade e dessa com outras comunidades possam se estreitar. Portanto, se estaria colaborando com a integração e interação intercomunitária.

C) Além das mulheres, propõe-se um planejamento de atividades em parceria com os jovens da comunidade. Além de não terem momentos e espaços destinados ao seu lazer específico, esses jovens não estão envolvidos e tampouco participando da vida comunitária. O profissional de Relações Públicas convidará os jovens a rodas de conversa, para que se possa entender as necessidades e expectativas desse público da comunidade e organizar um planejamento participativo de ações. A comunicação com os públicos da comunidade deve ser feita de maneira cuidadosa. O processo mediador de um Relações Públicas com os públicos acontece somente com e por meio da comunicação (KUNSCH, 2009). Um grupo de jovens poderia ser um meio de participação dos jovens na comunidade, além de atender a necessidade de integração dos mesmos. Inicialmente, poderia ser um grupo pequeno, pois acredito que não haveria uma grande participação em um primeiro momento. Porém, com o tempo, o grupo mostraria que é uma forma de se integrarem e relacionarem-

se. Com a constituição de um grupo, poderão ser feitas ações que arrecadem verbas, a serem transformadas em passeios e visitas a novos lugares. Dessa forma, além de contribuir para o desenvolvimento social e cultural dos jovens, conseguiríamos envolvê-los na comunidade. Também as festas comunitárias devem ter ações previstas que envolvam os jovens. O profissional de Relações Públicas tem como elemento da sua atividade o planejamento, o qual se articula com ações de gestão, em que se empreendem e analisam processos e desempenhos (KUNSCH, 2009). Ou seja, as propostas enfatizadas necessitam ser geridas por um profissional de Relações Públicas. De nada adianta planejar e desenvolver ações, se elas não tiverem a gestão coordenada por um profissional, bem como a avaliação do desempenho dessas atividades propostas. O profissional deve atuar sempre de forma interativa com os públicos, sejam os jovens, as mulheres, os idosos ou os convidados da comunidade.

D) Como Relações Públicas, poderia atender a outra necessidade que os moradores apontaram: um porta-voz, um representante para a comunidade. Percebo que falta um integrante na comunidade que “faça a frente”, ou seja, o responsável pela iniciativa. Como profissional articulador, o Relações Públicas poderia ser esse representante comunitário. Além de ser um incentivador, como diz Kunsch (2007), o profissional deve fazer um trabalho “na” comunidade, em função da mesma. Sendo assim, poderia representá-la em suas demandas para a criação de políticas municipais voltadas à comunidade. Seria uma forma positiva de mostrar sua habilidade de relacionar-se com diversos públicos, ao construir a imagem positiva de um “local”. É preciso que o profissional perceba quais canais possibilitam o desenvolvimento comunitário e, dessa forma, use-os para dar credibilidade ao seu trabalho. Além de tudo, o profissional responsável por ser o porta-voz da comunidade deve ser o principal mediador dos conflitos existentes. Conforme salienta Kunsch (2007), um profissional que tenha surgido do próprio seio da comunidade seria a pessoa ideal para realizar o trabalho “dentro dela”. Sendo assim, esse fator é positivo quanto à minha realidade nesse contexto de comunidade rural, pois, além de profissional de Relações Públicas, nasci na no seio da comunidade de Boa Esperança e morei lá por alguns anos. Meus finais de semana, mesmo morando na cidade vizinha, sempre foram na comunidade e, hoje, morando muito próximo e tendo muitos familiares morando na localidade, continuo freqüentando-a.

E) Acredito que é necessário propostas que envolvam a comunicação. Saber comunicar e relacionar-se é essencial para o profissional de Relações Públicas, pois é ela que une os interesses das pessoas. (ANDRADE, 2001). Saber usar a comunicação para o desenvolvimento e construção é habilidade profissional do Relações Públicas. “Entre outros fatores, o sucesso das entidades está relacionado com as estratégias de comunicação adotadas” (KUNSCH, 2007, p. 295). A comunicação, quando estratégica, possibilita, sobretudo, os processos de interação, integração e relacionamento. É preciso saber o que e para quem deseja comunicar, e qual a melhor forma. Assim, o profissional poderia ser um organizador da formação de lideranças dentro da comunidade, trabalhando a comunicação como principal forma para o desenvolvimento comunitário, por meio da qualificação das relações, do envolvimento, do planejamento participativo, da integração e interação entre os mais diferentes públicos que compõem uma comunidade. Além de formador de líderes, o Relações Públicas poderá investir na comunicação entre os diferentes públicos da comunidade (internos e externos). A comunidade de Boa Esperança se comunica com seus moradores, com as comunidades vizinhas, precisando se comunicar também com o governo e com as empresas. Portanto, trabalhar a comunicação de forma eficiente e eficaz trará retornos diretos. Quando você sabe a quem comunicar e qual a forma de comunicar, os ruídos diminuem e os resultados desejados aparecem. Além do que, a comunicação por si só desenvolve as relações humanas e faz com que elas existam (COOLEY apud POYARES, 1974).

F) Acredito que uma proposta voltada para ações sociais, educativas e ambientais também seriam pertinentes. A zona rural possui a característica de uma boa qualidade de vida e se vale da importância de cuidar da natureza. Dessa forma, ações voltadas para a saúde e o bem-estar, incluindo-se os direitos humanos, são assuntos importantes e que trariam informação aos moradores, para que eles aprendam a cuidar e valorizar aquilo que lhes concede a boa qualidade de viver, além de estarem interados dos assuntos atuais. Acredito que o profissional de Relações Públicas, com sua habilidade de contato e comunicação, pode trazer, para os moradores da comunidade, bons profissionais para rodas de conversas formais ou até mesmo informais, com o cuidado de ressaltar para que tipo de público eles irão comunicar, e instruindo-os sobre a melhor forma de comunicarem-se com eles, para que possa haver entendimento e aproveitamento das conversas.

G) Pode-se ainda propor um Conselho Comunitário, formado pelas principais lideranças (incluindo aquelas formadas com a ajuda do profissional de Relações Públicas), no qual serão discutidas questões gerais da comunidade. Esse Conselho deverá ser formado por homens e mulheres, jovens e idosos, para gerar desenvolvimento comunitário contínuo e integral. Trata-se de um conselho que unirá os públicos da comunidade de Boa Esperança em prol da mesma. O profissional de Relações Públicas deve estar inserido na comunidade e estar ciente das demandas, porém, junto com esse conselho comunitário, poderá desenvolver pesquisas e ir a campo para compreender as principais expectativas dos moradores. Vejo esse Conselho como elemento interativo entre os públicos.

H) Roque (2007) explica que os profissionais de Relações Públicas que desejam engajar-se no terceiro setor precisam ter paciência e determinação. Suas conquistas são sutis e lentas, porém, importantes. A comunidade rural, mesmo que com a sua melhor qualidade de vida, ainda perde em alguns pontos para comunidades urbanas. O urbano possibilita benefícios tecnológicos, como a internet. Josué disse que eles possuem conexão, mas desejam melhorias. Pensando nisso, vejo uma oportunidade de o Relações Públicas atuar como porta-voz e representante da comunidade, cobrando do governo municipal um melhor acesso à internet. Dessa forma, penso que se pode ofertar atividades de informática para tantas pessoas que lá moram e não possuem este tipo de acesso. Estaríamos, assim, proporcionando novas opções de comunicação. Como apontado, os filhos já não estão mais na zona rural, morando nas cidades e visitando seus pais eventualmente. Através dos conhecimentos técnicos oferecidos em oficinas, no espaço do salão comunitário, os moradores poderiam utilizar as redes sociais para a comunicação com seus filhos e amigos, além de reencontrar pessoas distantes.

De uma forma geral, essas são as propostas que buscam contribuir para qualificar as relações comunitárias em Boa Esperança, a partir do ponto de vista de um profissional de Relações Públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada neste trabalho, foi possível investigar a relação dos moradores com a sua comunidade, a relação entre os grupos que compõem a comunidade, da comunidade com as outras comunidades do município e o quanto o profissional de Relações Públicas tem um campo a ser desbravado nessas localidades, através de suas atividades, bem como com a sua contribuição nesse contexto. A partir das entrevistas feitas e com as análises concluídas, consideramos respondida a questão norteadora deste trabalho.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi, basicamente, a pesquisa bibliográfica (busca por referenciais teóricos sobre conceitos relevantes ao tema) e a pesquisa de campo (entrevistas com os moradores da comunidade de Boa Esperança). A convivência com a comunidade em que a pesquisa foi realizada, o contato próximo com os envolvidos no contexto rural durante as entrevistas, a análise das respostas obtidas e a busca por referências bibliográficas possibilitaram o conhecimento necessário para que fosse possível concluir o estudo de forma a alcançar os objetivos propostos.

Os resultados mostram que é possível compreender que a comunicação é o processo mediador das relações e que não há como viver sozinho e isolado, não comunicar-se com as pessoas e não relacionar-se. Entende-se que a relação social acontece por meio da comunicação e são essas relações que nos tornam mais próximos daqueles que temos afinidade, do qual partilhamos ideias, crenças e

pensamentos comuns. É através do que temos “em comum”, que formamos os nossos grupos, e, desta maneira, criamos vínculos.

No caso de uma comunidade rural, os vínculos e o enraizamento com o local se dão pela história de vida que se tem no lugar e pela relação que vem com seus antepassados que já residiam na localidade e, portanto, é uma relação decorrente da sequência da história da família. É característico o sentimento de afeto e esses laços que se formam. As relações com as pessoas melhoram a qualidade de vida do indivíduo e dão significado a sua existência, bem como desenvolve sua personalidade.

Os laços de proximidade em uma comunidade rural se devem ao contato diário entre os vizinhos, através de visitas mediadas pelas rodas de chimarrão. São, na sua grande maioria, agricultores e aposentados, então, dispõem de um tempo mais flexível para estas relações. A localidade de Boa Esperança não tem muitas opções de lazer, portanto, o prazer é levar a vida na companhia dos vizinhos.

De maneira clara e resumida, as relações são as principais fontes de fuga da solidão, sendo responsáveis pelo desenvolvimento e sobrevivência do ser humano e permitindo novas experiências e conhecimentos, além do compartilhamento de ideias, crenças, valores. Obviamente, conflitos e desentendimentos também são fatos decorrentes das relações existentes, mas, como na comunidade rural os laços são muito estreitos, há normalmente o esclarecimento desses fatos.

Nesse contexto rural, percebeu-se a importância do profissional de Relações Públicas, da comunicação, das relações, da integração, da interação e do planejamento, no sentido de nortear as ações para atender as expectativas dos moradores da comunidade. Dentre as principais atividades do profissional de Relações Públicas estão o assessoramento, pesquisa, planejamento, execução, avaliação das ações e sua rede de contatos. Porém, há inúmeras atividades que podem ser guiadas pelo profissional na comunidade rural de Boa Esperança. Para tanto, como enfatizou Kunsch (2007), o Relações Públicas precisa vivenciar as necessidades da comunidade, trabalhando “na” e “para” ela. Para o melhor

desempenho do profissional, é preciso a participação do mesmo na vida da localidade, sendo, acima de tudo, incentivador.

Porém, não é tudo tão simples. O Relações Públicas ainda tem a sua imagem e credibilidade profissional voltada para organizações formais e, segundo Roque (2007), aquele que deseja envolver-se com o terceiro setor, ou no caso de comunidades rurais, é preciso muita paciência e determinação, pois trata-se de uma função sem glamour e com processos lentos e sutis. É preciso adequar-se e trabalhar a linguagem/comunicação.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a área de Relações Públicas, bem como que traga informações pertinentes dos processos de relacionamento de uma determinada comunidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Para entender Relações Públicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 3ª ed.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002. 10ª ed.

BRANDEMBURG, Alfio. **Do rural tradicional ao rural socioambiental**. Disponível em <>. Acesso em: 07 de setembro de 2015.

CARNEIRO, Glauco. Aspectos psicossociais da comunicação de massa. In: POYARES, Walter Ramos. **Comunicação Social e Relações Públicas**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

CÉSAR, Regina Escudero. **Movimentos sociais, comunidade e cidadania**. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling, KUNSCH, Waldemar Luiz (organizadores). **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007.

CRUZEIRO DO SUL (Município). Disponível em <<http://www.cruzeiro.rs.gov.br/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2015.

FRANÇA, Fábio. **A releitura dos conceitos de público pela conceituação lógica.** In: KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Relações Públicas: História, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas.** São Paulo: Saraiva, 2009.

FREITAS, Sidinéia Gomes. **As entidades de classe de Relações Públicas no Brasil: caminhos e descaminhos.** In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações Públicas: História, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas.** São Paulo: Saraiva, 2009.

GASKELL, **George. Entrevistas individuais e grupais.** In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 2ª ed.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002. 4ª Edição.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2013. 13ª ed.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação e mobilização social na prática de polícia comunitária.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

KUNSCH, Margarida M. Krohling (ORG). **Relações Públicas: História, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas.** São Paulo: Saraiva, 2009.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Dimensões e perspectivas das Relações Públicas Comunitárias.** In: KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz (organizadores). **Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora.** São Paulo: Summus, 2007.

KUNSCH, Waldemar Luiz. **Resgate histórico das Relações Públicas Comunitárias no Brasil.** . In: KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz (organizadores). **Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora.** São Paulo: Summus, 2007.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento e gestão estratégica das Relações Públicas Comunitárias.** In: KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz (organizadores). **Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora.** São Paulo: Summus, 2007.

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes De; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através da tecnologia em rede. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Comunicacao_e_Tecnologias/Trabalho/06_03_38_6-7515-1-PB.pdf>. Acesso em: 30 de outubro de 2015.

MORAES, Roque. **Mergulhos discursivos**: Análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, Maria Do Carmo; FREITAS, José Vicente De. (organizadores). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. 2ª ed.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Relações Públicas, movimentos populares e transformação social**. Disponível em : (). Acesso em 30 de Março de 2016.

_____, Cicilia M. Krohling. **Relações Públicas nos movimentos sociais e nas “comunidades”**: princípios, estratégias e atividades. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações Públicas: História, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas**.. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____, Cicilia Krohling. **Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista**. São Paulo: Summus, 1986. 2ª ed.

PORTAL REGIÃO DOS VALES, CRUZEIRO DO SUL (Município). Disponível em (<http://www.regiaodosvales.com.br/municipios/acidade/index.php?idc=32>). Acesso em: 27 de agosto de 2015.

POYARES, Walter Ramos. **Comunicação Social e Relações Públicas**. Rio de Janeiro: Agir, 1974. 2ª ed.

ROQUE, Mauren Leni De. **Relações Públicas no terceiro setor**. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling, KUNSCH, Waldemar Luiz. **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: Saberes e Práticas**. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **Ciências Humanas: Pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006. 3ª ed.

SCHEEREN, Norma Theolina. **Perfis de uma pequena comunidade Arroio do Ouro – Estrela – RS**: 150 anos do pioneirismo alemão: 1860-2010. Lajeado: Editora da Univates, 2010. 1ª ed.

SCHILLING, Kurt. **História das Idéias Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

SCHMIDT, João Pedro. **Raízes do Comunitarismo**: Concepções sobre a comunidade no pensamento ocidental. In: SCHMIDT, João Pedro; HELFER, Inácio; BORBA, Ana Paula De Almeida De. (organizadores): **Comunidade e comunitarismo**: temas em debate. Curitiba: Multideia, 2013.

SOUSA, Mauro Wilton de. **O pertencimento ao comum mediático**: a identidade em tempos de transição. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/68112/70670>>. Acesso em: 02 de novembro de 2015.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Guia de entrevista semi-estruturada aplicada aos moradores da comunidade de Boa Esperança

Perfil

Nome

Idade

Atuação na comunidade

Outras informações

OBJETIVO A) RELAÇÕES DOS MORADORES COM A SUA COMUNIDADE:

Cotidiano

Relate o dia a dia na comunidade, o que muda de um dia para o outro?

Como é viver nessa comunidade?

O que é comunidade para você?

Como é o jeito de ser dessa comunidade?

No que essa comunidade se diferencia das outras?

O que une esta comunidade? Quais os interesses comuns?

Como você vive e se relaciona na sua comunidade?

Em que momentos se realizam encontros entre as pessoas da comunidade?

Quando acontecem, o que sente? Satisfações, conflitos...

Com quais grupos gosta mais de se relacionar? Por quê?

Quais são os aprendizados nas relações que mantém na sua comunidade?

Como é sua relação com a localidade de Boa esperança? Qual seu vínculo com esse território?

O que você acha que pode melhorar? Como? Por quê?

Como as relações comunitárias afetam seu sentimento pessoal, autoestima, qualidade de vida?

Já pensou em sair daqui? Quando? Por quê?

OBJETIVO B) RELAÇÕES ENTRE OS GRUPOS QUE COMPÕE A COMUNIDADE:

Quais grupos sociais tinham na comunidade antigamente?

Como era o relacionamento dos diferentes grupos da comunidade: jovens, homens, religiosos, festeiros, mulheres-mães, idosos, outros?

Quais grupos sociais têm na comunidade hoje?

Como é o relacionamento dos diferentes grupos da comunidade: jovens, homens, religiosos, festeiros, mulheres-mães, idosos, outros?

Como as pessoas se comunicavam: meios, formas, língua?

Como as pessoas se comunicam: meios, formas, língua?

Quais os elementos de intrigas e conflitos existiam na comunidade? Como surgiam? Como se resolviam?

Quais os elementos de intrigas e conflitos existem na comunidade? Como surgem? Como se resolvem?

Quais tradições e costumes tinham antigamente?

Quais tradições e costumes mantêm?

O que mudou nas tradições e costumes? Por quê? Qual sua opinião sobre essas mudanças?

O que pode e o que não pode na comunidade? Quais são as normas para poder participar? Como a pessoa deve ser para que seja bem-vinda na comunidade?

OBJETIVO C) RELAÇÕES DA COMUNIDADE COM OUTRAS COMUNIDADES (RURAIS E URBANA):

Como eram as relações com outras comunidades do município?

Como são as relações com outras comunidades do município?

Como eram as relações com a cidade urbana?

Como são as relações com a cidade urbana?

OBJETIVO D) PROPOSTAS DE RP

O que se poderia fazer para melhorar as relações sociais na comunidade: demanda, necessidade, expectativa?

APÊNDICE B – Entrevistas na íntegra

Perfil

Nome: *INGRID (NOME FICTÍCIO)*

Idade: *58 anos*

Atuação na comunidade: *Participação nas festas da comunidade, ajudando a servir almoço, na cozinha e também é puxadora de novenas.*

Nome: *WILSON (NOME FICTÍCIO)*

Idade: *76 anos*

Atuação na comunidade: *Foi presidente por seis anos da comunidade evangélica, participa de todas as festas da comunidade.*

Nome: *LAURA (NOME FICTÍCIO)*

Idade: *75 anos*

Atuação na comunidade: *Participante da novena.*

Nome: *ANTÔNIO (NOME FICTÍCIO)*

Idade: *48 anos*

Atuação na comunidade: *Vice-presidente da comunidade evangélica, participação nas festas comunitárias e intercomunitárias.*

Nome: *JOSUÉ (NOME FICTÍCIO)*

Idade: *27 anos*

Atuação na comunidade: *Participa jogando no time da comunidade.*

Nome: *SALETE (NOME FICTÍCIO)*

Idade: *23 anos*

Atuação na comunidade: *Ajuda nas festas da comunidade.*

OBJETIVO A) RELAÇÕES DOS MORADORES COM A SUA COMUNIDADE:**Cotidiano****RELATE O DIA A DIA NA COMUNIDADE, O QUE MUDA DE UM DIA PARA O OUTRO?**

INGRID: *Rotina: Acordo (hoje em dia não tão cedo, por volta de sete horas), preparo o nosso mate, vamos ordenhar as vacas, cuido da casa, do pátio, vamos para a roça, voltamos e faço o almoço. Descanso um pouco e a tarde vou passear ou recebo visitas. E quando tem muito trabalho na roça ajudo o meu marido. Praticamente não muda um dia do outro. O que muda é quando chega o final de semana, porque daí ficamos em casa e recebemos nossos filhos.*

LAURA: *O dia a dia na comunidade é muito tranqüilo, a gente leva uma vida calma e sem agitos. Acordamos, tomamos chimarrão, eu, meu marido e meu filho. Daí tomamos café, eles vão para a roça e eu cuido dos afazeres da casa, vou na horta e no quintal, depois faço almoço. De tarde, descansamos e quando dá vou passear ou ganho visita. Não muda um dia do outro, nem aos finais de semana.*

WILSON: *Acordo bem cedo e tomo chimarrão. Em seguida, vou cuidar das minhas obrigações, pois trabalho com a agricultura familiar e produção de peixes e alevinos. Não muda nada de um dia para outro porque durante a semana me dedico ao trabalho, mas os finais de semana mudam da rotina que tenho durante a semana, pois participo de cultos, almoços na comunidade vizinha e faço algumas visitas.*

ANTÔNIO: *Acordo cedo, checo os e-mails da empresa (de peixes), recolho os empregados e vou para o trabalho. Fora o trabalho, participo de reuniões onde assumi a vice-presidência da Comunidade Evangélica. Nos finais de semana, vou na comunidade vizinha assistir futebol e vou aos cultos. Também participo de qualquer atividade que a Igreja estiver precisando.*

SALETE: *Eu acordo cedo e estou vivendo basicamente minha função de mãe. Minha filha tem apenas três meses e minha rotina é dedica a ela neste momento.*

JOSUÉ: *Minha rotina é acordar de manhã, ir trabalhar. Durante a semana, pouca coisa muda, mas aos finais de semana sou jogador de futebol amador, então cada final de semana acabo indo em uma comunidade diferente com o meu time.*

COMO É VIVER NESSA COMUNIDADE?

INGRID: *Maravilhoso, não troco por nada neste mundo. A tranqüilidade que se tem na comunidade é muito bom.*

LAURA: *É muito bom, calmo e tranqüilo.*

WILSON: *Aqui é muito bom de viver. Moro aqui há 52 anos e gosto muito de viver nesta comunidade. Casei e vim morar aqui.*

ANTÔNIO: *É muito boa a convivência aqui, é um exemplo a nossa comunidade. A nossa comunidade tem um avanço muito maior, que percebo comparada as outras comunidades. Aqui é um lugar muito bom para se viver.*

SALETE: *É muito bom, é aconchegante e muito tranqüilo.*

JOSUÉ: *Aqui é bom para se morar, pois tem muita tranqüilidade e, principalmente, ainda temos muita segurança.*

O QUE É COMUNIDADE PARA VOCÊ?

INGRID: *É tudo! É ter vizinhos bons, é ajudar uns aos outros se alguém precisa, se alguém tem que ir no médico a gente leva e não cobra nada. Se a gente tem alguma coisa sobrando que o vizinho não tem, a gente leva para ele.*

LAURA: *Comunidade é quando as pessoas se juntam e se ajudam bastante.*

WILSON: *Comunidade, pra mim, é tudo! É onde tu tem teus amigos, teus afazeres, tuas responsabilidades e leva a tua vida da maneira que escolheu.*

ANTÔNIO: *Um grupo de pessoas com o mesmo pensamento, que agem juntos e se ajudam.*

SALETE: *Comunidade é estarmos juntos, é pensar parecido, ter pensamento semelhante um do outro, é se ajudar. Acho que é isso.*

JOSUÉ: *Comunidade para mim é o que acontece aqui em Boa Esperança. A gente vive em comunidade, juntos, muito próximos. Bem diferente das pessoas que moram na cidade. Comunidade parece que tem só a ver com o interior.*

COMO É O JEITO DE SER DESSA COMUNIDADE?

INGRID: *É uma comunidade muito unida, preocupada com o outro. É uma comunidade participativa.*

LAURA: *É uma comunidade com muita gente boa. Essa comunidade tem um jeito acolhedor de ser.*

WILSON: *É uma comunidade normal, igual e parecida a todas as outras, muito pacífica. Esse é o que melhor define o jeito de ser dessa comunidade: pacífica.*

ANTÔNIO: *É uma comunidade unida, com muita ajuda um ao outro, sem conflitos e extremamente acolhedora e receptiva.*

SALETE: *Essa comunidade é aconchegante e calorosa, assim vejo o jeito de Boa Esperança. É uma comunidade muito simpática e muito simples, bem a cara do interior.*

JOSUÉ: *O jeito de ser da nossa comunidade é muito simples, porque as pessoas que vivem aqui são assim. E também menos moderno, temos acesso a tecnologias, claro, mas ainda somos meio “antigos”. Também acho que essa comunidade é bastante pacata.*

NO QUE ESSA COMUNIDADE SE DIFERENCIA DAS OUTRAS?

INGRID: *A comunidade não é grande, só que o pessoal é muito dado. Sempre estão prontos a ajudar. Acho que nas outras não se ajudam tanto. É cada um mais por si.*

LAURA: *Eu acho que em nada. Ela é muito parecida com as outras comunidades próximas daqui. O jeito que levamos a vida é muito parecido.*

WILSON: *Essa comunidade é muito unida, mas essa comunidade é muito parecida com as outras. As comunidades rurais são todas muito parecidas. Aqui no Alto Taquari, elas não se diferenciam muito. A grande maioria é descendente alemã, agricultores, unida e se dão bem, como nas outras.*

ANTÔNIO: *A receptividade é o que diferencia a nossa comunidade. O jeito com que acolhemos as pessoas em cultos e festas e que fazem as pessoas sempre voltarem. Também acho que o que diferencia a Boa Esperança é que são todos bem tratados e sempre querem voltar aqui.*

SALETE: *A união deste lugar nos diferencia, eu morei em outros lugares, mas não era tão próxima dos vizinhos.*

JOSUÉ: *Nada! As comunidades aqui próximas são todas mais ou menos como a nossa. Se dão bem, trabalham na roça, com poucos jovens que moram no interior ainda. Bastante idosos e alemães.*

O QUE UNE ESTA COMUNIDADE? QUAIS OS INTERESSES COMUNS?

INGRID: *O que une esta comunidade é a participação das pessoas no que elas podem ajudar. A maioria é agricultor e vive do trabalho da roça, então sobra tempo para ajudar nas coisas da comunidade. O que une também é a amizade que temos uns com os outros e a relação boa com nossos vizinhos.*

LAURA: *O que une esta comunidade é a ajuda que um dá para o outro, todo mundo se dá bem. O que se tem em comum é que quem vive aqui é porque gosta muito de viver aqui. Aqui tem muita gente que trabalha na roça e os novos já foram pra cidade.*

WILSON: *O que une esta comunidade é justo querer viver em comunidade, em união. Esses são os interesses comuns, querer viver uma vida em comunidade e ter um grupo unido. O que nos une muito também são as festas comunitárias, porque uma localidade ajuda a outra.*

ANTÔNIO: *O que une a comunidade, acredito serem as religiões. Cada uma em sua religião específica se une ao seu grupo. A agricultura nos une muito, a ação de graças, as apresentações que fizemos no culto une a gente que ensaia e nos une aos católicos que vem nos prestigiar. O que nos une também é que não trabalhamos cumprindo horário, então a gente pode se visitar mais e se dedicar às pessoas.*

SALETE: *Temos interesses comuns e pensamentos muito comuns, são pessoas tranquilas, que moram aqui pra ter mais qualidade de vida, paz, segurança. A grande maioria não trabalha em empresas, estão sempre por casa ou na roça. O que une a comunidade é os laços de amizade que tem aqui.*

JOSUÉ: *O maior interesse que temos em comum é morar no interior, porque é mais tranquilo e seguro, e porque estamos acostumados com a vida daqui. O que une a gente é a bondade das pessoas daqui, que sempre se ajudam, se visitam, fizemos festas e jogamos futebol juntos.*

COMO VOCE VIVE E SE RELACIONA NA SUA COMUNIDADE?

INGRID: *Vivo muito bem. A gente é feliz e me relaciono bem com muitas pessoas. Vou passear bastante, às vezes nem consigo fazer o serviço de tanta visita, uma vizinha vai e a outra vem.*

LAURA: *Eu vivo bem, me dou bem com todo mundo, vou passear, conversar, visito minhas amigas, depois elas vêm aqui. Ajudo na comunidade quando alguém vem pedir alguma coisa.*

WILSON: *Mas muito bem! Bato papo com todas as pessoas, me relaciono muito bem e não tenho intrigas. Vou visitar os amigos, vou no culto, almoços e jantas e participo ajudando nas festas ainda.*

ANTÔNIO: *Eu vivo bem e me dou muito bem com as pessoas. Tenho uma participação muito grande com a comunidade, procuro ajudar as pessoas que moram aqui no que eu posso.*

SALETE: *Muito bem. Vivo uma vida leve, cheia de sossego. Agora participo menos, porque tenho a filha pequena, mas logo, logo voltamos.*

JOSUÉ: *Eu vivo muito bem. Em dia de semana venho pra casa só de noite, mas adoro estar por aqui, tenho muitos amigos por causa do futebol e me dou muito bem com todos. Tenho muita amizade e relações bem estreitas com as pessoas dessa localidade e de outras.*

EM QUE MOMENTOS SE REALIZAM ENCONTROS ENTRE AS PESSOAS DA COMUNIDADE?

INGRID: *Os encontros acontecem quando a gente se visita. Aí quando tu tem alguma coisa sobrando tu leva ovo, alface, batata, banana, chuchu. A gente troca as coisas e aproveita para se visitar. Os encontros com os vizinhos mais distantes acontecem na missa ou nas festas que vamos.*

LAURA: *Acontecem quando eu vou passear, quando elas vêm na minha casa, quando faço aniversário, daí reúno as amigas, nas festas das comunidades, encontro do apostolado, festa do trabalho na Linha Sítio, que é uma festa maior e reúne muitos amigos e conhecidos.*

WILSON: *Os encontros acontecem muito seguido, quando vamos ao culto, nos almoços das comunidades, quando a família se reúne, no encontro semanal com meus amigos, que é sempre na quarta-feira, ao meio-dia. E no primeiro sábado do mês, que daí é o encontro das comunidades para um almoço, este é o grupo do leitão.*

ANTÔNIO: *Nos cultos, no futebol que vou assistir, é costume a gente se encontrar nos jogos de futebol, nas reuniões da presidência, nas visitas.*

SALETE: *Basicamente nas visitas que fazemos e recebemos, e nas festas.*

JOSUÉ: *Os encontros são realizados diariamente, só que a diferença é que acontecem com grupos diferentes: a galera do futsal eu encontro na terça de noite, do futebol aos domingos de tarde, meus vizinhos quando dá vamos nos visitar.*

QUANDO ACONTECEM, O QUE SENTE? SATISFAÇÕES, CONFLITOS...

INGRID: *A gente gosta muito de se encontrar, conversamos, fofocamos, nos ajudamos, podemos desabafar. A sensação de conversar é muito boa, conversamos sobre coisas boas e contamos nossos problemas. Me relaciono de maneira muito próxima com meus vizinhos. Eu me sinto maravilhosamente bem em poder ir passear e receber visitas, o encontro significa que somos queridos e que temos muitas amizades que fazem questão da gente nunca perder o contato.*

LAURA: *A gente se sente bem, melhora até. Às vezes, tu está enjoada e, se tu ganha visita ou pode ir passear, melhora tudo, a dor, o cansaço, o desânimo. Eu sempre vou nas festas e encontros porque gosto muito, só se tiver quase morrendo eu não vou, mas eu adoro conversar, ver gente, saber das novidades, e se me convidam para ir em algum lugar, é porque querem muito que tu vá, senão não te convidariam, aí tu deve ir sempre que receber o convite.*

WILSON: *Isso ajuda até na minha saúde, eu sou um cara muito ativo graças a estes relacionamentos bons que tenho na comunidade.*

ANTÔNIO: *A minha maior satisfação é saber que estou ajudando a comunidade. Isso me faz muito bem. Não tem conflito e é todo mundo unido. Esses encontros nos fazem um bem danado, damos boas risadas, descontraímos, esquecemos dos problemas, ajudamos ao próximo. Se é para brigar, a gente nem se encontra.*

SALETE: *Uma alegria, isso é o que sinto! É muito prazeroso poder se relacionar e receber carinho e amizade. Eu não presencio conflitos.*

JOSUÉ: *Quando a gente se encontra, é só alegria, é para se divertir, nada de intrigas ou desentendimentos. E se acontecem, a gente trata de resolver logo. Tenho uma satisfação enorme em me relacionar bem com as pessoas.*

COM QUAIS GRUPOS GOSTA MAIS DE SE RELACIONAR? POR QUÊ?

INGRID: *Grupo de vizinhas e a comunidade num geral são os que mais gosto de me relacionar, porque eu me sinto muito bem em poder ajudar e poder ser ajudada.*

LAURA: *Com minha vizinhança e os encontros que participo, os encontros maiores, porque conheço mais gente e gente diferente ou de antigamente.*

WILSON: *Com o grupo do leitão, porque reúne meus amigos de todas as comunidades. É o grupo do primeiro sábado do mês que participa dos almoços.*

ANTÔNIO: *Com o grupo da igreja, porque é o que mais me sinto bem, nos unimos para o bem, podemos dar a nossa opinião e somos respeitados.*

SALETE: *Vizinhos. São os mais próximos e aqueles que me ajudam com tudo. Vem pedir se preciso de algo, se oferece para nos levar em algum lugar, trazem coisas de presente quando vem passear, da própria roça.*

JOSUÉ: *Com a galera do futebol, é o meu chão, é o que gosto de fazer e é onde mais me divirto.*

QUAIS SÃO OS APRENDIZADOS NAS RELAÇÕES QUE MANTÉM NA SUA COMUNIDADE?

INGRID: *A relação com os vizinhos sempre nos ensina, aprendemos de chás, de comidas, de tudo. Aprendemos, acima de tudo, coisas que só a vida ensina.*

LAURA: *A gente sempre aprende alguma coisa. Quem gosta de cozinhar, eu por exemplo, aprendi como fazer o feijão sem cozinhar por cima da panela. Foi num encontro com uma vizinha que aprendi isso.*

WILSON: *Que sozinhos não somos realmente ninguém, que vamos precisar sempre um do outro, que viver isolado dentro de casa sem se relacionar e ter amizade com gente boa adoece a gente.*

ANTÔNIO: *Eu sempre digo que a gente nunca aprende de chega e que não é só a teoria que ensina. A gente aprende muito na prática, conversando com essas pessoas que têm muito conhecimento e que sabem coisas diferentes do que eu sei. Aprendo muito com as trocas de ideias e aprendo a respeitar as opiniões que são diferentes da minha, aprendo também, que nem sempre a minha opinião é a mais certa.*

SALETE: *Como sou nova, aprendo muito com as senhoras, a ser uma mãe boa, a cuidar da minha filha com chás, aprendo coisas para a casa e para a vida.*

JOSUÉ: *Os aprendizados? Bom, quase não dá para enumerar, mas tu aprende tanto, aprende até a ser uma pessoa melhor, porque às vezes tu está desanimado e acha o que tu tem ruim, e só reclama, aí tu vai num vizinho, num encontro e fica sabendo de coisas bem piores que tem nesse mundo, e aí tu aprende que tu deve ser feliz com o que tu tem, ficar feliz em ter família, casa, amigos, amizade com todos, isso importa mais. Eu vivo aprendendo. Gosto de conversar com os mais velhos também, eles têm muita coisa boa pra te contar.*

COMO É A SUA RELAÇÃO COM A LOCALIDADE DE BOA ESPERANÇA? QUAL SEU VÍNCULO COM ESSE TERRITÓRIO?

INGRID: *Eu nasci aqui, me criei aqui, cuidei dos meus pais aqui, e não saio daqui por nada. Fui criada aqui, meus pais nasceram aqui e morreram aqui. Tenho um vínculo eterno com este lugar. Não me imagino em outro lugar.*

LAURA: *Eu sempre morei aqui, eu gosto daqui. Moro há 75 anos no mesmo lugar. Adoro aqui.*

WILSON: *Mas meu Deus, bá, é muito boa! Eu vim morar aqui quando casei e tenho muito carinho porque aqui montei a minha família, o meu negócio, é aqui que eu vivo bem e tenho meus amigos.*

ANTÔNIO: *Eu tenho um vínculo muito grande com esse lugar, nasci e me criei aqui, só saí para estudar e voltava sempre para casa quando dava.*

SALETE: *Eu vim morar aqui faz pouco tempo, mas já me sinto parte dessa comunidade. Gosto muito daqui.*

JOSUÉ: *Eu vivo e me relaciono muito bem e de maneira muito participativa com essa comunidade. Tenho um vínculo aqui, minha filha nasceu aqui e pretendo criar ela morando neste lugar, depois ela pode decidir o que quer e para onde quer ir, mas essa comunidade dá muita segurança para se criar os filhos.*

O QUE VOCÊ ACHA QUE PODE MELHORAR? COMO? POR QUÊ?

INGRID: *Se melhorar estraga, não tem nada para melhorar. Mas um grupo de interação seria interessante, porque aqui não tem nada que reúna os moradores. Teria que ter algo na semana que é quando não temos nada, nos finais de semana nossos filhos vêm para casa, aí temos muitas coisas para fazer. Ter alguns pontos*

de encontros para a comunidade se integrar ia ser bom. Bailes também ia ser bom, dançar, se divertir...

LAURA: Eu acho que está tudo bem aqui. Não tem nada pra melhorar.

WILSON: Sabe o que deveria melhorar? Ter um porta-voz da comunidade. Alguém que possa falar e representar a gente. Também podia ter mais participação das pessoas nas coisas da comunidade, as festas, as coisas da Igreja, uma atenção aos jovens, porque não tem muita coisa para fazer, porque assim a nossa comunidade iria se organizar melhor e podia desenvolver ainda mais.

ANTÔNIO: Podia melhorar políticas em relação a nossa comunidade. Nunca recebemos ajuda deles ou visita pedindo o que precisamos. Ter um líder, alguém que doe seu tempo em prol da comunidade católica e evangélica ou da comunidade num geral. Alguém que possa ter argumentos concretos para poder pedir as coisas por nós. Podia melhorar para os jovens também, não tem nada para eles. Algo para eles se distraírem e se juntarem.

SALETE: Não temos opções de encontros para jovens e a família no geral, tem as festas, mas, fora isso, não temos nada.

JOSUÉ: Certamente tem coisas para melhorar. Por exemplo, o acesso a internet, porque o interior fica mais de lado; maior atenção com nossas estradas; alguma coisa para as pessoas fazerem aqui na comunidade, porque não tem muita opção. Assim seria mais interessante para os jovens ficarem mais anos por aqui. Não tem nenhum estímulo para eles.

COMO AS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS AFETAM SEU SENTIMENTO PESSOAL, AUTOESTIMA, QUALIDADE DE VIDA?

INGRID: Elas melhoram minha qualidade de vida porque aprendo coisas boas com eles, é uma autoestima poder se relacionar tão bem com as pessoas, me faz bem, para a saúde porque me comunico, posso conversar. Isso ajuda a não ter depressão. As minhas relações aqui me afetam muito porque se está tudo bem, fico bem, mas se algo não está legal, fico mal.

LAURA: Só traz coisas boas, a gente fica alegre e feliz. Eu posso ir passear em qualquer lugar, porque me dou com todo mundo. Até as dores desaparecem se tu pode ir passear.

WILSON: A minha qualidade de vida é boa, justo porque as relações que tenho aqui na comunidade são boas, me fazem um homem alegre e de bem com a vida. Eu fico ansioso esperando o encontro da turma do leitão, de tanto que gosto de encontrar meus amigos, conversar, bater papo e me relacionar com pessoas.

ANTÔNIO: *Tu fazer algo bom para alguém, tu sente que tomou uma injeção de ânimo, te dar bem e poder ajudar um vizinho, uma instituição, faz a gente acreditar que fazer o bem vale sempre a pena. Se tu faz o bem, o bem volta pra ti.*

SALETE: *As relações nos afetam diretamente, ninguém conseguiria viver feliz sozinho, sem se relacionar. Isso faz bem para a gente porque só traz coisas boas.*

JOSUÉ: *As relações que tenho aqui na comunidade afetam o meu sentimento porque tenho muito carinho, talvez isso, afetam de maneira carinhosa. São meus amigos, gosto de estar com jovens da minha idade, idosos, vizinhos. Faz bem para o cara, anima mais a vida e dá sentido.*

JÁ PENSOU EM SAIR DAQUI? QUANDO? POR QUÊ?

INGRID: *Nunca pensei em sair daqui porque é aqui que eu fiz minha vida e aqui que gosto de morar. Me sinto enraizada aqui. Só saio daqui para o cemitério.*

LAURA: *Nunca pensei, eu sempre morei aqui. Não me interessa ir morar em outro lugar, nem na cidade.*

WILSON: *Já pensei quando eu era mais novo, mas daí tinha meus filhos, eu era recém casado, deixei de lado. O negócio foi crescendo por aqui, fui ficando, ficando, ficando... Agora não saio mais de jeito nenhum.*

ANTÔNIO: *Já recebi proposta, e pensei em ir, mas meus filhos eram pequenos. Por fim não fomos, e hoje eu não sairia mais daqui.*

SALETE: *Não, pensei em ter a minha própria casa aqui, só sair da casa da minha sogra.*

JOSUÉ: *Não, não pensei e não me vejo em outro lugar. Minha filha depois irá decidir onde quer morar, mas eu vou ficar por aqui mesmo, na comunidade de Boa Esperança.*

OBJETIVO B) RELAÇÕES ENTRE OS GRUPOS QUE COMPOEM A COMUNIDADE

QUAIS GRUPOS SOCIAIS TINHAM NA COMUNIDADE ANTIGAMENTE?

INGRID: *A nossa família, grupo religioso que participava das coisas da igreja, grupo do bolão, times de futebol, vizinhos, escola (estudantes, colegas de aula).*

LAURA: *Grupo da igreja, bolão, futebol, grupo das pessoas que promoviam as festas da comunidade, grupos de orações.*

WILSON: *Grupo dos corais, OASE, as próprias comunidades formavam os seus grupos, o grupo de Linha Sítio, o grupo da Sebe, e outros grupos eu não estou lembrando.*

ANTÔNIO: *Grupo de jovens evangélicos, grupos de futebol de campo, grupo futebol de salão, grupos da bocha, grupo dos cultos infantis, grupo de voluntários das ações sociais, OASE.*

SALETE: *No meu tempo de jovem, tinha o grupo de amigas da escola, do grupo de jovens e de ir nas festas.*

JOSUÉ: *Antigamente eu não sei, talvez os grupos de igreja das duas religiões que predominam aqui, da terceira idade, os amigos do futebol, da bocha, da carta, acho que deve ser isso.*

COMO ERA O RELACIONAMENTO DOS DIFERENTES GRUPOS DA COMUNIDADE: JOVENS, HOMENS, RELIGIOSOS, FESTEIROS, MULHERES-MÃES, IDOSOS, OUTROS?

INGRID: *O relacionamento era bom, de bastante união entre os grupos em si, e participativo. Mas de brigas entre os times de futebol. Os festeiros tinham reuniões e eram muito organizados e tinha muita participação das pessoas envolvidas. Entre os vizinhos, era de muita ajuda. Quando alguém falecia, por exemplo, os vizinhos corriam atrás de um galo, faziam o almoço, porque o velório acontecia na própria casa. Os idosos eram muito respeitados pelos jovens de todas as comunidades.*

LAURA: *O grupo da igreja se dava bem entre si, o grupo do futebol tinha intriga, porque, entre as comunidades, um time queria ser melhor que outro.*

WILSON: *O relacionamento era muito bom. O que eu mais lembro era o respeito que se tinha entre os grupos, e as pessoas em si. Os jovens respeitavam muito os idosos, já entre os religiosos havia um pouco de conflito e desentendimento entre católicos e evangélicos.*

ANTÔNIO: *Se respeitava a hierarquia da família, dos grupos pela diretoria, vice-diretoria, tesoureiro... Em questão dos jovens e idosos, havia muito respeito. Católicos e evangélicos tinham muito conflito. No meu próprio casamento, os avós da minha esposa, que eram católicos, não me aceitavam, eles não vinham nem nos visitar depois do casamento. Entre os times de futebol tinha muita competição e eram disputas acirradas. Os homens mais idosos tinham preconceitos com as mulheres, eram bastante machistas. O relacionamento não era tão amigável e tranquilo.*

SALETE: *Acho que eram grupos que se davam bem.*

JOSUÉ: *Acho que o relacionamento era muito bom e de muita união e ajuda.*

QUAIS GRUPOS SOCIAIS TÊM NA COMUNIDADE HOJE?

INGRID: *As famílias dos moradores, grupo do bolão, vizinhos, grupo da escola, grupo da novena, grupo do apostolado.*

LAURA: *Grupo do bolão, grupos das religiosas da igreja, grupo do apostolado.*

WILSON: *OASE, os grupos das diferentes comunidades, os grupos de bolão de mesa, grupo do leitão, grupo das diretorias das igrejas.*

ANTÔNIO: *OASE, grupo do bolão, grupo da bocha, grupo do futebol de salão, grupo do coral, os grupos católicos e evangélicos.*

SALETE: *Hoje tem o grupo das igrejas, das Senhoras da OASE, tem os vizinhos mais próximos, os conhecidos das comunidades vizinhas. Cada um desses, forma um grupo.*

JOSUÉ: *Hoje tem os grupos dos guris que gostam de futebol e fazem jantas, o grupo lá da empresa que eu trabalho, grupo da bocha que eu jogo, futebol de salão, que já é outro grupo, meus amigos da cidade, os guris do interior, os pais das crianças que estudam com a minha filha.*

COMO É O RELACIONAMENTO DOS DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS DA COMUNIDADE: JOVENS, HOMENS, RELIGIOSOS, FESTEIROS, MULHERES-MÃES, IDOSOS, OUTROS?

INGRID: *O relacionamento continua bom, mas percebe-se que mais individualista. Antes a gente se preocupava muito mais com o bem-estar do grande grupo. Hoje, cada um cuida mais da sua família e não se dedica aos grupos sociais.*

LAURA: *O relacionamento é bom, tem intrigas quando envolve alguma competição, mas assim, num geral é muito amigável.*

WILSON: *O relacionamento não tem mais o respeito que havia antigamente, o estilo antigo de respeito não tem mais. Mas se dão todos muito bem. Há o respeito, mas não é mais como antigamente. As diferentes religiões passaram a se respeitar mais, participam de missas e cultos ecumênicos, as outras religiões passaram a ser bem-vindas. Os jovens respeitam muito a mim da mesma maneira que eu respeito eles.*

ANTÔNIO: *O relacionamento entre as diferentes religiões é bem mais próximo e amigável do que antigamente, se dão bem e se ajudam, porém, ainda há idosos que tem a dificuldade de aceitar pessoas que não sejam da sua religião. O relacionamento entre homens e mulheres está bem mais próximo e participativo, mas ainda percebo de alguns homens mais de idade um machismo latente. A própria presidência da igreja evangélica cuida muito, colocamos homens e mulheres na diretoria, jovens e idosos. Um pouco dos jovens ainda não respeitam os idosos e não lhes dão valor. Até na nossa comunidade evangélica tinha alguns homens mais idosos que tiveram preconceito e não aceitaram uma mulher ser a pastora. Mas hoje a gente se relaciona de forma mais próxima com todos os diferentes grupos.*

SALETE: *Muito bom, tem bastante respeito e ajuda.*

JOSUÉ: *É muito descontraído e bom. A gente se reúne, conversa, joga bola, carta, bocha, faz janta. Estamos sempre juntos.*

COMO AS PESSOAS SE COMUNICAVAM: MEIOS, FORMAS, LÍNGUA?

INGRID: *Pelo grito. Um ia na casa do outro para avisar ou dar alguma notícia, não tinha muitos meios, era totalmente face a face, de casa em casa para avisar, por exemplo, sobre a morte de alguém. A grande maioria falava em alemão. Tinham moradores que não entendiam alemão, então se falava em português, mas muito pouco. A grande maioria falava só em alemão, em casa e nas casas de quem ia passear.*

LAURA: *Um ia na casa do outro de cavalo avisar quando alguém morria, todo mundo tinha cavalo. Em casa se falava só alemão, na escola a gente se comunicava em português. Também através de carta. Mandava cartas para minha irmã que morava em outro lugar. Eu escrevia em português a carta e ela me respondia em alemão porque a minha mãe não sabia o brasileiro, e eu sabia ler alemão, mas não escrever.*

WILSON: *A comunicação era muito mais pessoal, a gente encontrava a pessoa para se comunicar. Nós falávamos bastante alemão no meu tempo de criança. Quando eu casei, o português dominou a minha casa, procuramos ensinar os filhos a falar o alemão porque seria importante para um emprego dos filhos e porque a avó não entendia português. Para avisar um vizinho, inicialmente tínhamos um cavalo, depois tínhamos bicicleta, mas muito cedo eu já possuía veículo. Então, quando eu precisava me comunicar com um vizinho, eu ia de carro e muitos me procuravam para dar uma notícia para alguém, porque tinha condução.*

ANTÔNIO: *Antigamente era muito falado em alemão. Até tinha a exigência dos pastores que vinham para cá, falar em alemão. Agente se comunicava só pessoalmente, não tinha telefone, celular. Quando tinha que dar uma notícia, ia na casa das pessoas a pé. Nas coisas da comunidade a gente marcava reunião e pedia que cada um comunicasse os seus.*

SALETE: *Acho que faziam menos uso de celular e telefone, porque não tinha isso. Então se comunicavam pessoalmente.*

JOSUÉ: *Acho que era muito mais difícil. As pessoas tinham que ir a pé nas casas dos vizinhos para se comunicarem, não tinha telefone, poucos tinham telefone. Mas a comunicação também era entendida pelos gestos. Meu pai olhava com cara feia e eu já sabia o que ele estava querendo me dizer. Eu só falava alemão em casa, português só na escola.*

COMO AS PESSOAS SE COMUNICAM: MEIOS, FORMAS, LÍNGUA?

INGRID: *Hoje a gente se fala bastante pelo celular para avisar alguém, para saber se o vizinho esta em casa, para poder ir passear. Antes a gente não tinha como saber, ia passear e só sabia se a pessoa estava em casa quando chegava lá. Ou até de carro. A língua alemã ainda predomina. Só não falamos alemão se alguém não entender. Hoje, a comunicação não é mais tão boca a boca, mas aqui ainda nos visitamos bastante e nos comunicamos pessoalmente. Muitas pessoas de idade não conseguem se comunicar em português aqui na comunidade.*

LAURA: *Hoje é tudo com o celular e tudo em português, alemão ninguém dos jovens quer saber mais. Em casa só falamos alemão, mas na cidade a maioria não entende se a gente falar em alemão com eles, então falamos português.*

WILSON: *Com o avanço da tecnologia, a nossa forma de se comunicar mudou muito. Primeiro tinha os telefones comunitários, com ramais, depois comprei o meu próprio número, gastei muito dinheiro, tinha que comprar as redes. Hoje, me comunico muito com o celular, por e-mail. Falamos mais em português, em função dos clientes, mas mantemos o alemão em casa, com nossa família.*

ANTÔNIO: *Hoje a gente usa muito o telefone, e-mail e usa muito a internet. Mas ainda nos encontramos pessoalmente para reuniões da igreja e participação na comunidade. Avisos a gente faz tudo por telefone, não tem mais isso de ir na casa do vizinho a pé avisar sobre algo.*

SALETE: *Bastante com o uso da tecnologia. Através de celular, eu passo bastante tempo no face, whats... Falo em alemão em casa, e fora disso só português.*

JOSUÉ: *Hoje, é basicamente pelo celular para marcar os encontros, mas a gente se comunica muito pessoalmente, quando se encontra. Mesmo sendo jovem, a gente não se fala só pelo celular, a gente se reúne muito. Falo em alemão com meus amigos que entendem, mas muito pouco, predomínio muito grande do português.*

QUAIS ELEMENTOS DE INTRIGAS E CONFLITOS EXISTIAM NA COMUNIDADE? COMO SURTIAM? COMO SE RESOLVIAM?

INGRID: *Tinham mal entendidos, fofocas em rodas de conversa, mas tudo era resolvido, se ia atrás e se tentava resolver. Conflitos nos jogos de bocha, mas quando terminava estava tudo bem. Conflito também tinha porque tinha preconceito com os negros e dos católicos com os evangélicos.*

LAURA: *As intrigas surgiam no jogo de futebol, porque o time da Boa Esperança e o da Linha Sítio não se davam muito bem, um queria ser sempre melhor que o outro, ganhar mais títulos. Fofocas também tinha bastante, era o que mais dava briga. Por exemplo, se alguém morria e não usava roupa preta um ano, já dava fofoca e intriga, ficava um falatório, o pessoal falando mal porque fulana não respeitou e não ficou de luto. Jogo de carta também dava intriga, o jogo era aqui em casa e vi muitas brigas porque não sabiam perder.*

WILSON: *Os conflitos tinham a ver com disputas esportivas, futebol, bolão, bocha, que causavam desentendimentos. A questão das religiões, católicos e*

evangélicos, causava conflito e briga. Isso tinha muito preconceito e sei que as famílias não gostavam de casamentos entre pessoas de religiões diferentes.

ANTÔNIO: As diferentes opiniões e o radicalismo das pessoas, a aceitação ou não aceitação por cor, religião, isso tudo gerava conflito e intriga, mas principalmente porque as pessoas eram muito radicais quando tinham opinião formada sobre algo, a mente era muito fechada. Os conflitos acabavam sendo deixados de lado para não arrumar ainda mais briga.

SALETE: Não sei.

JOSUÉ: Devia ser parecido como hoje em dia é. Brigas, às vezes por nada, desentendimentos, time que perdia brigava com o outro, uma religião não aceitar a outra.

QUAIS ELEMENTOS EXISTEM NA COMUNIDADE? COMO SURGEM? COMO SE RESOLVEM?

INGRID: Os elementos de intriga e conflito ainda são as fofocas. Um exemplo é que a ex-nora da minha vizinha fez fofoca e falava mal de mim, mas eu fui atrás para resolver, porque estranhei que a minha amiga não me procurava mais. Chegamos a não se visitar por causa de fofocas. Fofoca sempre acompanha as pessoas. Onde tem fofoca, tem intriga, mas eu acho que as pessoas se resolvem melhor sempre indo atrás e pedindo desculpas ou se informando se é verdade ou não.

LAURA: Hoje mais é a fofoca. Aqui tem bastante, mas a gente, quando fica sabendo, a gente vai resolver. Antigamente, e ainda hoje, a maior intriga era a fofoca. Isso não mudou, sempre foi assim.

WILSON: Hoje não tem intriga, talvez só fofocas, que magoam as pessoas, mas sabemos resolver isso.

ANTÔNIO: A participação dos jovens, eles não querem participar de nada, assumir compromisso ou ter alguma responsabilidade. Isso gera conflito, porque os pais querem obrigar e os jovens não querem ser tão participativos. Mas o que mais dá briga é quando algum fala mal do outro e ficam sabendo. Mas hoje a gente sempre tenta resolver os conflitos que tem.

SALETE: Fofoca, porque um fala mal do outro e isso vai aumentando até virar uma bola de neve. Isso surge das visitas e geralmente são resolvidos.

JOSUÉ: *Hoje em dia é desentendimento, que podem acontecer com qualquer pessoa. Tu ouvir algo que não gostou, uma ideia diferente da tua, tu defender um amigo no futebol, ficar sabendo que alguém falou mal de ti. Às vezes acaba partindo para a briga, achando que assim vai resolver, mas é melhor chamar para tirar satisfação pessoalmente e conversar.*

QUAIS TRADIÇÕES E COSTUMES TINHAM ANTIGAMENTE?

INGRID: *Era muito bom, as conversas que hoje não tem mais. Aos domingos podíamos tomar mate, receber vizinhos e bater papo, eram costumes saudáveis. Participávamos do Kerb, era um costume forte. O Kerb começava no domingo e ia até terça, trabalhava a semana toda fazendo comes. Fazíamos bolachas pintadas no Natal e a família sempre reunida. Nós respeitávamos muito a Sexta-feira Santa, era costume ir na missa e não poder falar alto, gritar.*

LAURA: *Rezar em alemão antes da refeição, não podia comer sem rezar. Na Páscoa, fazíamos casquinha, doces pintados, cuca só fazia quando era Natal, Páscoa e Kerb. A gente fazia Kerb aqui em casa. Crianças iam buscar os presentes nas madrinhas depois da Páscoa, no dia já podia ir, um dia antes não podia. Tinha que ir na igreja todos os domingos. Se não tinha, missa tinha terço. Velar as pessoas em casa, usar roupa preta por um ano quando alguém morria. Os homens tinham um lenço branco com uma tira preta e colocavam no bolso, isso significava o luto, as roupas tinham que ser todas pretas, e tinha que usar por um ano. Pai e mãe era um ano que tinha que usar as roupas, não podia ir no baile, dançar. Se fosse a avó, era três meses de luto. Só podia ir no baile com um irmão ou irmã, sozinha não podia. Era um costume também ter que ir se confessar, caminhávamos quilômetros só pra isso.*

WILSON: *Era costume visitar os amigos, ir no culto e não faltar em nenhum, usar preto para viver o luto, fazer as festas de Kerb e ajudar nas festas comunitárias.*

ANTÔNIO: *Participação na Igreja evangélica, indo nos cultos. A gente não falhava nenhum culto. Tinha que estar de sapato, calça social, camisa com gola, tinha que usar traje social para poder ir na igreja. Natal, páscoa e Sexta-feira Santa o culto era sagrado, os pais não aceitavam não ir nos cultos. Costume de jogar futebol depois do culto aos domingos. Kerb era tradição da nossa família, na vó era no domingo e na nossa casa era segunda e terça, sempre teve Kerb. Na páscoa, ajudava a pintar os ovos e fazia bolacha pintada.*

SALETE: *Eu não recordo de nenhuma tradição que tenha seguido.*

JOSUÉ: *Nós não tínhamos nada que eu possa dizer que era um costume ou uma tradição. Talvez tomar mate de manhã cedo com a avó.*

QUAIS TRADIÇÕES E COSTUMES MANTÉM?

INGRID: *Meu Deus, nenhum dos que citei.*

LAURA: *Não seguimos mais nenhum.*

WISLON: *Ainda mantemos o costume de ir ao culto e participar das festas da comunidade, seja na função que for.*

ANTÔNIO: *O costume ainda é ir nos cultos nos trajes específicos.*

SALETE: *Acredito que nenhuma tradição. Talvez hoje temos o costume de esperar o marido para tomar chimarrão, fazer pipoca quando chove, essas coisas...*

JOSUÉ: *O costume de tomar mate de manhã.*

O QUE MUDOU NAS TRADIÇÕES E COSTUMES? POR QUÊ? QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE ESSAS MUDANÇAS?

INGRID: *Hoje em dia, por exemplo, a gente ainda faz bolacha pintada, mas faz quando quer, várias vezes ao ano. Tomamos mate quando queremos e não só aos domingos. Acho que tudo mudou, porque a vida foi mudando, as coisas foram se perdendo, não ter mais os pais também faz com que as tradições não se mantenham. E também porque, no interior, tu não consegue mais manter teus filhos na roça, aí eles vão pra cidade e não se anima para manter os costumes e as tradições do passado. É uma pena perder tantas destas tradições e costumes que marcaram a minha infância.*

LAURA: *Mudou que hoje a gente não segue mais os costumes e acho melhor agora. Mudou tudo, a vida das pessoas mudou e não se segue mais as coisas de antigamente. Acho melhor hoje, porque se tem as coisas e pode se fazer quando tem vontade de comer e não é mais tudo tão difícil como era, e também não é mais tão rigoroso como era antigamente. Mesmo se tu não quisesse rezar antes de comer, ou ir na missa, tua vontade não era respeitada, era obrigação ir, tinha que respeitar pai e mãe.*

WILSON: *Tudo mudou, o mundo mudou muito. Até mesmo a gente que mora no interior, onde tudo demora mais para acontecer, consegue perceber que as mudanças chegam aqui também. Tu vai tendo mais responsabilidades e os costumes e as tradições vão ficando de lado. Acho que por a gente não exigir tanto dos filhos, como nossos pais nos exigiam, a gente ajuda a mudar e não levar adiante os costumes.*

ANTÔNIO: *O que mudou foi a tecnologia e a própria questão de autoridade. Meus pais exigiam e eram duros com nós, eu já não sou assim com meus filhos. Os pais cobravam mais. A tecnologia influenciou muito, eu até peço para eles irem comigo no culto, mas querem jogar computador.*

SALETE: *As mudanças são porque quem mantinha as tradições eram os mais antigos e isso tudo vai desaparecendo com o tempo. Acho que faz parte, as coisas são assim mesmo. Mas é uma pena pra gente que é mais jovem, perder tanto a referência dos nossos antepassados.*

JOSUÉ: *Acho que hoje tu trabalha fora, faz tudo correndo, tem filhos cedo, menos tempo para dar valor a estas coisas.*

O QUE PODE E O QUE NÃO PODE NA COMUNIDADE? QUAIS AS NORMAS E REGRAS PARA PODER PARTICIPAR? COMO A PESSOA DEVE SER PARA QUE SEJA BEM-VINDA NA COMUNIDADE?

INGRID: *A pessoa precisa ser gente boa, ajudar os outros, passear nos vizinhos, pagar anuidade certinho. Não pode ser mau pagador para ser bem-vindo na comunidade e participar das festas também é legal, não precisa ajudar, mas participar só indo.*

LAURA: *Na comunidade, tu tem que ajudar, isto aprendi desde nova. Se tem uma festa, precisa ajudar; se falta dinheiro, tem que dar. Por exemplo, pra igreja, pagar mensalidade. Antigamente tinha que ajudar na escola, os pais tinha que pagar os professores, tinha que ajudar a construir a escola, ajudava nas obras da igreja. Pra ser bem-vinda precisa andar no trilho, ter amizade com todo mundo, se dar bem e não fazer maldade para as pessoas.*

WILSON: *Nós não temos nenhuma regra e nenhuma lei aqui. A comunidade é aberta para qualquer pessoa, porque todos são muito bem-vindos.*

ANTÔNIO: *Aqui não tem normas e regras, nem exigências, todos são bem-vindos, basta ser gente do bem. A gente sempre tenta ir conversar, dar boas-vindas. Só não gostamos de gente que arruma briga.*

SALETE: *Aqui tem que se envolver, participar, ir passear, porque senão acham estranho. Acho que seria isso.*

JOSUÉ: *Acho que não tem normas e regras, mas tem que ser gente do bem, respeitador para ser bem-visto aqui. Não fazer mal para ninguém, participar dos eventos como festas e do futebol.*

OBJETIVO C) COMPREENDER AS RELAÇÕES ENTRE A COMUNIDADE E AS OUTRAS COMUNIDADES (RURAIS E URBANA)

COMO ERAM AS RELAÇÕES COM OUTRAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO?

INGRID: *Eram muito boas, a gente se ajudava muito, uma relação muito próxima. Só que, com a comunidade de Sítio, a gente não se ajudava tanto. Mas a gente ia na festa deles.*

LAURA: *Tinha muita intriga, não era tão bom. A comunidade de Boa Esperança queria ser mais que a Linha Sítio e debochavam deles. Na Boa Esperança, tinha mais gente rica e o Sítio era mais pobrezinho, aí ficavam debochando.*

WILSON: *Eu posso dizer que era diferente do que hoje em dia, porque tinha mais implicância religiosa e de riqueza. Uma comunidade se achava mais rica que a outra, e o Tamoio e a Sebe não se davam por causa do futebol.*

ANTÔNIO: *A gente ia nas outras comunidades pra ajudar nas colheitas. Os evangélicos não iam em festas dos católicos e vice-versa. Não tinham rixa entre as comunidades, mas não tinha uma ajuda em festas e eventos de outra comunidade. A única rixa era por causa do futebol da Sebe e do Tamoio.*

SALETE: *Não se tinha uma relação, era cada comunidade por si. Era difícil ir até as outras porque poucos tinham carro. Então é bem diferente do que hoje.*

JOSUÉ: *Eu sei que a Boa Esperança tinha mais intriga com o Sítio, por causa da Sebe e do Tamoio, mas só isso que eu sei.*

COMO SÃO AS RELAÇÕES COM OUTRAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO?

INGRID: *O relacionamento é bom, de amizade, mas não vejo tão próximos. Entre nós da nossa comunidade é muito mais próximo. A única coisa é que é um relacionamento bastante participativo, vamos nas festas deles e eles vêm nas nossas.*

LAURA: *Hoje está tudo melhor Ninguém quer ser mais que ninguém, as pessoas se dão bem melhor. Hoje, preto e branco se dão bem, pobre e rico. As comunidades se dão bem melhor agora. A gente ajuda a nossa comunidade, mas se dá bem com a comunidade vizinha também e ajuda lá sempre que dá.*

WILSON: *Uma relação de muita cordialidade, muito próxima. Fazemos nossos almoços intercomunitários, a turma do leitão é formada por amigos de todas as comunidades, nos encontramos, fazemos festas, ajudamos na deles e eles na nossa.*

ANTÔNIO: *Hoje as comunidades se dão muito melhor e são muito mais unidas. A gente ajuda nas festas de outras comunidades e católicos e evangélicos se dão bem.*

SALETE: *São muito próximas, uma relação de amizade e companheirismo. A gente vai na missa deles, nas festas, depois recebemos eles nas nossas festas. Vamos nos almoços da comunidade vizinha. Bastante participação.*

JOSUÉ: *Se dão bem, tem muita amizade entre comunidades do interior porque são pessoas muito legais. Mas como jogo futebol, percebo direitinho quando uma localidade não gosta muito da outra, tudo por causa de títulos que um tem a mais que o outro, porque nas finais um time tirou o outro, daí eles falam: “ah, tinha que ser a Sebe de novo!”*

COMO ERAM AS RELAÇÕES COM A CIDADE URBANA?

INGRID: *A relação era mais distante. Se ia na cidade uma vez por ano, de ônibus. Íamos de manhã e voltava só de noite. Ir para a cidade era um grande acontecimento, a gente ficava tão nervosa esperando o ônibus...*

LAURA: *Era distante, mas na Sexta-feira Santa se ia na missa de caminhão, na igreja do centro, se reuniam todas as comunidades na missa, a gente se parava na estrada para pegar carona de caminhão. A gente ia pra cidade pra ir na missa. Tinha ônibus pra cidade uma vez por semana e tinha que ficar o dia todo fora. Isto era bonito, era um dia legal, podia ir comprar roupa, eu achava que ia voar de tanta alegria. A gente ia pra cidade duas vezes por ano, os lanches na cidade eram muito bons, a gente sentava no pátio do hospital comer lanches, ia na cidade no médico só se estava morrendo. Não tinha uma relação nada próxima com a cidade, mas era uma paixão por ela.*

WILSON: *Eram muito boa e muito próxima, porque a gente ia seguido para a cidade de carro fazer coisas da empresa. Era uma relação de reciprocidade, a gente gostava da cidade porque dependia deles, mas eles dependiam do agricultor para comer.*

ANTÔNIO: *A relação era próxima, porque a gente tinha condução e íamos seguido para a cidade, mas tinha um preconceito dos moradores da cidade com os colonos. Quando jogava na cidade, era vaiado, quando pegava na bola: “uh, colono*

grosso". Algumas lojas não atendiam de igual para igual, porque o colono estava mal vestido. Era mais simples...

SALETE: *Nós íamos a pé para a cidade. A passagem custava um dinheiro que meus pais não tinham. Só que dava uma tristeza ir pra cidade e não poder comprar as coisas...*

JOSUÉ: *Pelo que meus pais contam, isso era muito diferente. Se ia na cidade só de vez em quando, era uma relação distante e quase não existia relacionamento. Eu ia para a cidade quando pequenos poucas vezes, junto com meus pais, mas poucas vezes.*

COMO SÃO AS RELAÇÕES COM A CIDADE URBANA?

INGRID: *Mais próxima. Se vai duas, três vezes por semana, quando quisermos. Temos condução própria, vamos a hora que quisermos, fazemos mercado na cidade, vamos no médico, compramos roupas. É uma relação de muito amor e carinho cidade/interior.*

LAURA: *Hoje temos condução própria. Vou fazer rancho, buscar remédios. Vou seguido pra cidade agora, buscar minha aposentadoria. Hoje é normal ir pra cidade. Às vezes nem tenho vontade de ir e de pensar que eu ficava ruim no dia que podia ir pra cidade.*

WILSON: *Não mudou em absolutamente nada. O relacionamento continua bom e próximo, o que mudou é a frequência que aumentou de irmos para a cidade.*

ANTÔNIO: *Hoje as relações são muito próximas com a cidade, vamos muito seguido para a cidade. Não tem mais esse preconceito como antigamente. Ainda tem brincadeiras com moradores da nossa comunidade, porque tem sotaque muito carregado e acabam sendo debochados.*

SALETE: *Hoje vamos de carro pra cidade, muito seguido. Gosto muito de lá, porque tem coisas que aqui no interior não tem.*

JOSUÉ: *A cidade é a extensão das nossas necessidades. Temos um relacionamento bom, porque conheço muitas pessoas da cidade, preciso ir muito seguido pra lá e vou quando quero ou preciso.*

OBJETIVO D) PROPOR AÇÕES DE RELAÇÕES PÚBLICAS COMUNITÁRIAS

O QUE SE PODERIA FAZER PARA MELHORAR AS RELAÇÕES SOCIAIS NA COMUNIDADE?

INGRID: Tem muitas pessoas que não saem mais de casa. Ter um grupo, um local que a gente possa se encontrar, rir, contar piadas, se comunicar, conversar, jogar bispo, se divertir, porque a vida não é só trabalhar. A gente gostaria de algo em dia de semana, porque final de semana queremos ficar com os filhos, que vem nos visitar. Falta uma pessoa que tenha iniciativa para reunir os grupos. Tem bastante viúvas e que não vão mais passear, ia ser interessante ter algo para a gente se reunir. Também ia ser interessante um representante para a comunidade, alguém que tivesse uma ação boa.

LAURA: Acho que está tudo bem.

WILSON: Eu acho que as pessoas precisam ficar sabendo do que temos aqui na comunidade, muitas pessoas não sabem. Então, elas poderiam participar se fosse da vontade delas, mas para os jovens precisa haver uma atenção maior, eles estão sendo deixados de lado, não participam, mas também não se organizam para pensar em nada.

ANTÔNIO: Ter algo para os jovens se integrarem, ter um líder na nossa comunidade que possa pedir e falar por nós enquanto comunidade. Deveria ter mais participação dos jovens nos eventos e na igreja. Inserção dos jovens na comunidade para não dar fim aos eventos que acontecem aqui.

SALETE: Algo que promova encontros e integração. Assim as pessoas poderiam se relacionar num grande grupo.

JOSUÉ: Olha, acho que organização seria a melhor palavra. Há coisas para promover relações sociais, mas pouco organizado e pouca participação.